

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNA DURIGAN

**A VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA PESSOAS PRETAS EM
CURITIBA - UMA FOTORREPORTAGEM**

CURITIBA

2023

BRUNA DURIGAN

**A VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA PESSOAS PRETAS EM
CURITIBA - UMA FOTORREPORTAGEM**

Projeto de produto e documento monográfico apresentado como requisito parcial à obtenção de bacharel no curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná (Sacod UFPR).

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

CURITIBA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO II**

ALUNA:
BRUNA DURIGAN - GRR 20184742

**TÍTULO DO TRABALHO: "Ruas do medo: A violência policial
direcionada a pessoas pretas em Curitiba"**

DATA E HORÁRIO DA DEFESA: 04/07/2023, às 10:30 horas

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA	NOTA
Ana Luísa Pereira	Ana Luísa Pereira	100
Celina do Carmo da Silva Wotcoski	Celina do Carmo da Silva Wotcoski	100
José Carlos Fernandes	José Carlos Fernandes	90
Valquíria Michela John	Valquíria Michela John	90
MÉDIA FINAL:		

Curitiba, 04 de julho de 2023.

Assinatura: _____

José Carlos Fernandes
Orientador

RESUMO

No contexto do combate policial aos diferentes tipos de violência que atingem uma cidade, nota-se que contraditoriamente não acontecem avanços significativos na diminuição de delitos, mas sim aumento constante na violência direcionada a áreas periféricas e a um recorte populacional específico, sem exceção para conhecida como cidade modelo de Curitiba. A favelização foi um processo acentuado pós o marco da abolição da escravidão, onde mesmo em 2022 grandes cidades continuam restringindo seu olhar a problemática construída por anos de diferentes violências históricas. As consequências da marginalização de corpos específicos continuando presentes diante de um olhar excludente tanto político, quanto social. A violência policial é direcionada majoritariamente às pessoas negras por um conjunto de discursos irracionais. A origem do início da violência vinda das autoridades não foi datada, mas naturalmente podemos pensar em uma imagem nítida da ditadura de 1964, a Guerra de Canudos ou aproximando a data e a localização em nossos professores espancados em frente à Assembleia Legislativa, mas em que parte da cidade estão marcadas as violências vindas de quem originalmente juraram proteção a sociedade como um todo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESTIMATIVA DE HOMICÍDIOS NA POPULAÇÃO	9
FIGURA 2 – DIFERENÇA DE MORTES POR PESSOAS NÃO NEGRAS E NEGRAS	11
FIGURA 3 – TAXA DE HOMICÍDIO ENTRE JOVENS NO BRASIL	13
FIGURA 4 – TAXA DE HOMICÍDIO ENTRE JOVENS NO PARANÁ	19
FIGURA 5 – BAIRROS DE CURITIBA COM MAIOR CRESCIMENTO POPULACIONAL	19

LISTA DE SIGLAS

LGBTQIA+ -

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPM's - Inquéritos Policiais Militares

AI-5 - Ato Institucional 5 (AI-5) foi um dos 17 atos institucionais aplicados pela ditadura militar no Brasil.

ONU – Organização das Nações Unidas

SciELO - Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

1.2 A PROBLEMATICA – RECORTE SOCIAL

1.3 OBJETIVOS

2. VIOLÊNCIAS - UMA TRAGÉDIA NACIONAL

2.1. AS ORIGENS COLONIAIS DA VIOLÊNCIA: ESCRAVIDÃO

2.2 DITADURA MILITAR E A MILITARIZAÇÃO SOCIAL

2.4 CURITIBA, A CIDADE MODELO?

2.4.1 O extermínio

3. FOTOJORNALISMO EM FOCO

3.2 O FOTOJORNALISMO COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA

4. MAPA DE UM PRODUTO

4.1 METODOLOGIA

4.2 O LIVRO FOTORREPORTAGEM

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Observando a repercussão midiática e social de como as ações policiais acontecem em diferentes contextos, nota-se que não aconteceram avanços significativos no objetivo proposto: Diminuir os delitos envolvendo a temática, mas contraditoriamente observamos aumentos na violência direcionada a áreas periféricas e um recorte populacional específico, comunidades, favelas, pessoas negras e pobres.

Uma abordagem violenta que não atinge exclusivamente criminosos ou quem está imerso nessa realidade por escolha e não por necessidade, é direcionada e recortada para corpos que não apresentam a passibilidade de um colonizador europeu. A população negra no Brasil representa mais de 50% da população (IBGE) e também corresponde a 77% das vítimas de assassinato no Brasil (Atlas da Violência 2021). A criação de poderes policiais que atuam com extrema violência é a solução para tornar uma sociedade menos violenta?

O interesse pelo tema pode-se dizer que nasceu de uma angustia antiga. Meu ensino escolar foi integralmente público, onde interagi com diferentes realidades sociais: Dos alunos que não retornavam para casa depois do horário escolar para terem exclusivamente duas refeições no dia, dos alunos que descreviam suas férias internacionais nas redações escolares. Dentro desse ambiente presenciei várias formas de violência, tanto verbal, quanto física, mas esse trabalho se direciona para uma específica, costume falar que foi um dos momentos durante minha infância que a bolha protetora em minha volta foi furada.

Dois colegas, irmãos, pobres, negros, com dificuldades escolares, excluídos e negligenciados por praticamente toda sala, foi a primeira vez na que escutei que a pele negra fedia, mas infelizmente não a única. Com uma fala privilegiada de quem não sabia o que significava a palavra racismo, esse momento nunca sumiu entre minhas lembranças escolares me fez iniciar os estudos sobre esse crime, até chegar ao momento que escolhi escrever sobre um tema filho do racismo.

Pretende-se nesse trabalho: a) em forma de livro-reportagem referenciar as possíveis origens que tornaram o Brasil um país que observa a violência com

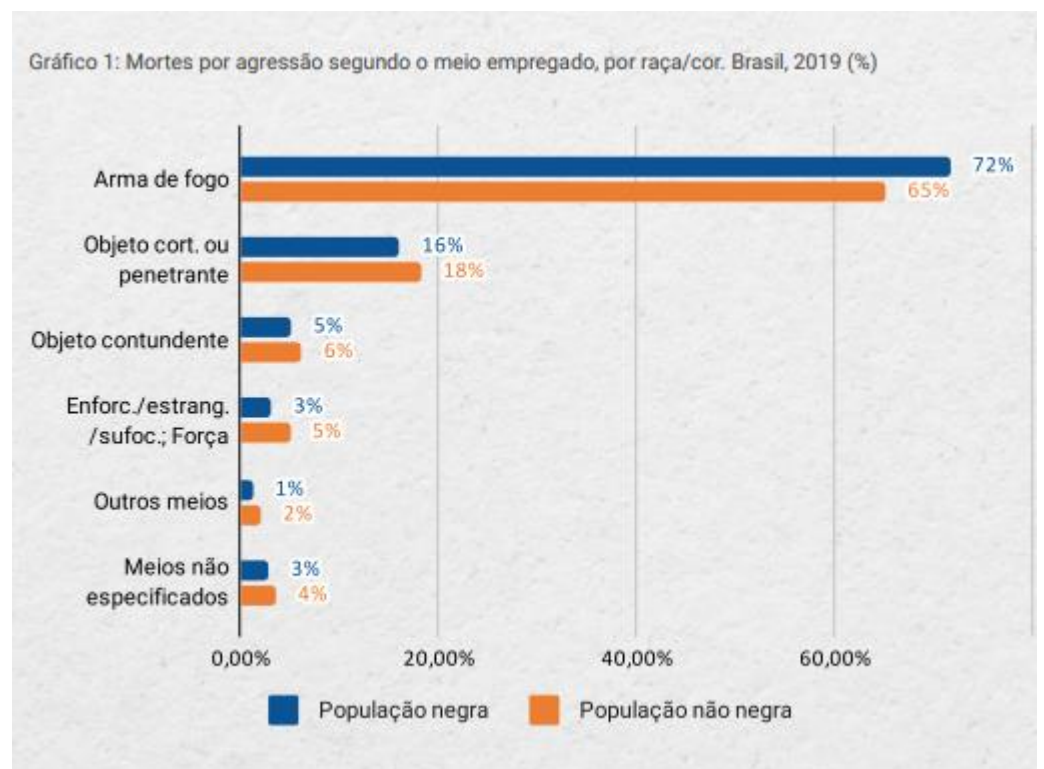
naturalidade, b) buscar autoridades e fontes para aprofundar os conflitos da cidade de Curitiba, escolhida como foco desta pesquisa c) interagir com moradores de comunidades periféricas e de regiões atingidas por conflitos policiais para possivelmente entender e registrar por entrevistas e pelo fotojornalismo como quem vive nessas áreas se enxerga na sociedade e o sentimento despertado por terem a violência sistematicamente direcionada aos seus corpos.

Entre minhas motivações da escolha pelo livroreportagem, fica minha paixão e motivo de permanência no curso, o fotojornalismo. Sempre tive interesse pela fotografia, mas nunca gostei de estar diante das câmeras. Quando entrei na faculdade meu primeiro ensaio fotográfico foi desastroso, mantenho ele guardado escondido para rir ocasionalmente. Aprendi a fotografar devido a uma das minhas melhores qualidades, chamada de teimosia. Frequentei a primeira manifestação quando fugi de casa para participar do ato contra o golpe da Dilma. Entrei na faculdade no ano da possível eleição do ex-presidente, 2018, e participei de todas as manifestações que fossem humanamente possíveis, chegava às oito da manhã e voltava para casa depois das oito da noite. Moro na região metropolitana, nunca foi uma opção voltar para a casa no intervalo entre às aulas da manhã a noite, tão pouco sair das manifestações que acreditava que representavam o futuro que queria. Foi entre os atos que peguei uma câmera emprestada e comecei a tentar ser fotografa, sempre senti muita insegurança nesse período, por muitos anos detestei todas as minhas fotos, mas hoje sei que acabei conseguindo. Sigo teimando em usar apenas minha 50mm em todas as ocasiões possíveis. Sobre o preto e branco, sempre foi o preto e branco, não era uma opção que minhas fotos não fossem guiadas por essa ausência de saturação.

1.1 TEMA

A violência está impregnada na origem do país hoje é reconhecido como Brasil. Ao menos cinco pessoas negras foram mortas por ações policiais por dia em 2021, dentre sete cidades e estados brasileiros.

A violência por agressão armada provocou mais de 30 mil mortes em 2019, incidindo majoritariamente contra a população negra, que responde historicamente pela grande maioria das vítimas de homicídio no país. Considerando os instrumentos utilizados no ato da agressão, as armas de fogo despontam como principal meio de mortalidade violenta tanto da população negra como da não negra, com proporção superior no primeiro grupo. Prevalece também na vitimização de homens e de mulheres, com pequena diferença entre homens negros (73%) e não negros (68%) e, de modo mais expressivo, entre mulheres negras (52%) e não negras (42%). (RICARDO et al. 2021. p.6).



Fonte: Sou da paz.

Ainda na problemática do direcionamento da violência a grupos já historicamente oprimidos, temos fatores que agravam ainda mais essa situação: A falta de um direcionamento político que invista massivamente em diminuir a desigualdade social no país, tanto na disponibilização do ensino quanto na segurança física e psicológica desses indivíduos, a persistência na não reestruturação na forma em que o combate ao crime é exercido, procurando resolver a causa do aumento da criminalidade e não eliminando pessoas que já nascem marcadas como vítimas de realidades excludentes.

A população negra no Brasil representa mais de 50% da população (IBGE) e também corresponde a 77% das vítimas de assassinato no país. (Atlas da Violência, 2021).

Ainda relacionado a esse recorte, precisamos trazer a palavra branquitude como um dos precursores do racismo.

É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro. (BENTO, 2022, p.14).

A identidade racial branca ultrapassa o limite de um referencial cultural e se estende a uma sistematização do extermínio de pessoas pretas e de qualquer resquício de suas raízes de identidade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 GERAL

Documentar como a percepção do racismo na cidade de Curitiba pela visão de pessoas pretas em diferentes realidades sociais.

1.3.2 ESPECÍFICOS

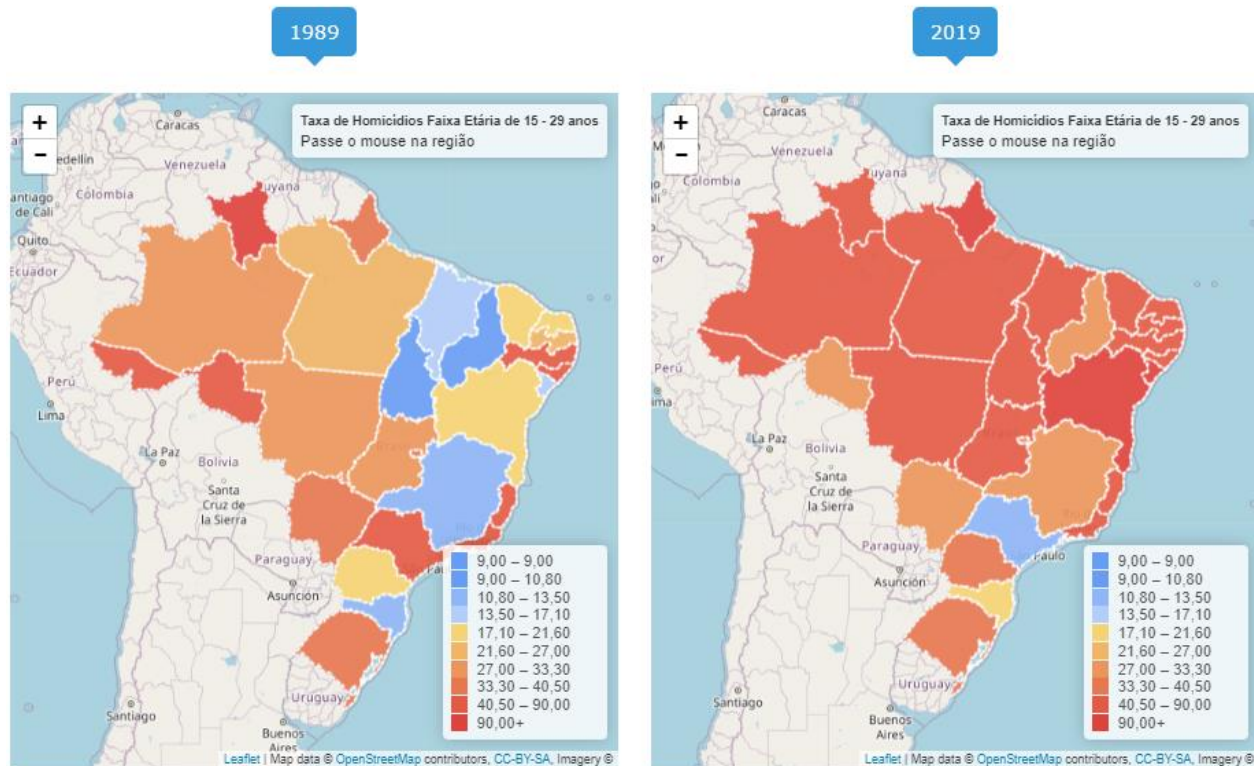
- A compreensão histórica do que nos trouxe ao contexto da normalização ou adaptação a constantes atos violentos pela parte policial
- Entrevistar profissionais que ajudem a esclarecer as regiões e contextos em que a violência social e policial se acentua em Curitiba.
- Buscar vítimas dessas violências para realizar o registro fotográfico e documental

2. VIOLÊNCIAS - UMA TRAGÉDIA NACIONAL

Originado do genocídio de sua etnia, o Brasil encontra suas estruturas de violência presentes nas ruas de todas as suas cidades. Em 1492 na chegada dos Europeus a então Pindorama “terra das palmeiras” cerca de 50 milhões de indígenas coexistiam entre centenas de tribos, línguas e culturas, mas pouco mais de trezentos anos depois, em um contexto em que a compra de escravos era amplamente utilizada, a população total da América era de 25 mil pessoas, (GOMES, 2019) mesmo contanto com o processo de colonização e a exploração de mão de obra escrava a redução do número populacional é devastadora, um nítido massacre do povo nativo de nosso país.

Quando exterminamos os quase 2 milhões de mortes violentas ocorridos em todo país, de 1979 a 2001, podemos discernir algumas tendências. Tanto o homicídio quanto os suicídios cresceram como uma função linear do tempo... No período de 1979 a 2001, o número de vítimas de homicídios aumentou em média 1,669 por ano. (SOARES; MIRANDA; BORGES, 2007, p.17)

O direcionamento rigoroso da violência a quem se distingue dos primeiros agressores externos do seu povo: negros, indígenas, mulheres, periféricos, pessoas com deficiência e a comunidade LGBTQIA+, o Brasil continua preso no círculo violento 530 anos depois do primeiro europeu pisar em seu território. Dentro desse contexto, indivíduos se tornam mais sucessíveis a diferentes tipos de agressões pela quantidade destes grupos que pertencem. “A violência tornou-se nosso pão cotidiano, deixou de ser episódica para converter-se em rotina, e não se passa um dia sem que os meios de comunicação não nos informem sobre roubos, sequestros, estupros e crimes de morte.” (CORBUSIER, 1991, p. 211).



Fonte: Atlas da violência

2.2 ORIGENS COLONIAIS DA VIOLÊNCIA: ESCRAVIDÃO

O registro do primeiro leilão de africanos escravizados aconteceu em 1444, em Portugal, uma separação umbilical tanto entre famílias inteiras e de seu respectivo continente, cidade, casa, cultura, religião e dignidade. Não existe um motivo racional lógico que explique a escravidão como uma ideia aceitável em qualquer contexto e realidade, mas é inegável que essa violência histórica aconteceu e tem suas marcas presentes e ativas em todos os aspectos que o racismo violenta nosso país. (GOMES, 2019).

A Real Companhia Africana, entre cujos acionistas figurava o rei Carlos II, dava 300 por cento de dividendos, ainda que, dos 70 mil escravos que embarcou entre 1680 e 1688, apenas 46 mil tivessem sobrevivido à travessia. Durante a viagem, inúmeros africanos morriam, vítimas de epidemias ou de desnutrição, ou se suicidavam negando-se de comer, enforcando-se em suas correntes ou lançando-se no oceano erizado de barbatanas de tubarões. (GALEANO, 1971, p. 119)

Aos vários estudos que buscaram os números de humanos traficados à América existiram várias discordâncias aos longos dos séculos, graças ao aumento de pesquisadores que se voltaram ao estudo da escravidão se tem aproximadamente o número de 12.521.337 de escravos que embarcaram para a travessia e entre eles cerca de 1.818.680 morreram no trajeto (GOMES, 2019).

O Brasil sozinho recebeu 4,9 milhões de cativos, o que equivalente a 47% do total desembarcado em todo o continente americano entre 1500 e 1850. O número de escravos traficados para o Brasil é dez vezes superior ao destinado às colônias inglesas da América do Norte e comparado apenas ao total recebido pela região do Caribe. E também infinitamente maior do que o número de europeus brancos que aqui chegaram nesses 350 anos. Estima-se que até a metade do século XIX cerca de 750 mil imigrantes portugueses entraram no território brasileiro. Ou seja, de cada cem pessoas chegadas ao Brasil nesse período, 86 eram escravas africanas e apenas catorze tinham origem europeia. (GOMES, 2019, p. 256)

As consequências da escravidão não foram limitadas as datas em que ela era exercida sem ser considerada um crime, infelizmente a partir do momento da abolição da escravatura, essas pessoas depois de anos de apagamento cultural, religioso e humano foram libertas a uma sociedade que as enxergava exclusivamente como um instrumento de trabalho, apenas personificado em um formato humano, então quem se importaria com esses indivíduos? Quem se importaria com seus corpos empilhados e mortos por qual quer tipo ou grau de violência? “Nesse recorte é preciso atentar para a situação da população negra do país. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o risco de um jovem Negro ser assassinado no Brasil tem aumentado, e supera em 2,5 vezes a probabilidade de assassinato de um jovem branco. ” (SZABÓ; RISSO, 2018, pg. 24).

Apesar do espaçamento temporal, se aproximarmos os números em 1837 a Lei nº 1, de 14 de janeiro proibiu formalmente a escravos e a pretos africanos, mesmo libertos, a estudar. Essa é uma diferença temporal menor a duzentos anos.

No ano de 2015, 43% dos estudantes que frequentavam o ensino superior público ou privado no Brasil eram negros, enquanto 55,4% eram brancos, em 2022, 47,1% dos estudantes do ensino superior eram negros ou pardos (IBGE).

Números que destoam da quantidade total populacional correspondente a cor e raça no país, não representa o ideal, mas ainda sim se mostra um cenário melhor do que dos anos anteriores, em 2001 os frequentadores eram 76,8% brancos.

2.3 DITADURA MILITAR E A MILITARIZAÇÃO SOCIAL

No momento em que foi anunciado o início da aplicação das Reformas de Base pelo presidente João Goulart, com o intuito de reduzir a concentração da renda e da terra no país, ele não imaginária o rastro de violência que seria criado pelos próximos anos.

Mesmo com uma boa aceitação social onde milhares de pessoas saíram às ruas para defender o movimento, adeptos do pensamento conservador protestaram contra o governo na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, convocados por entidades cívicas e religiosas de direita, as reformas eram consideradas por eles uma porta de entrada para o comunismo no Brasil.

Nesse momento foi criada uma brecha para derrubada do presidente pelos futuros golpistas. O Golpe foi composto pelo apoio do empresariado brasileiro, no dia 9 de abril de 1964 o Brasil foi submetido ao poder das armas.

Os 707 inquéritos policiais militares federais e milhares de IPM's estaduais e municipais e a espionagem resultante das 250 Assessorias de Segurança e das Divisões de Segurança e Informações, instaladas em todos os ministérios, autarquias e fundações federais, facilitam o trabalho dos militares e civis pagos pelo Estado para torturar e matar quem se opusesse à ditadura militar. Dossiês do Comitê Brasileiro pela Anistia, comissões de familiares de mortos e desaparecidos, Arquidiocese de São Paulo e Conselho Municipal de Igrejas apontariam o crescente dos assassinatos oficiais pela estrutura repressiva a partir do AI -5: EM 1968, dez mortos; em 1969, 18; em 1970, 22; em 1971, 33; e em 1972, 38 pessoas morreriam por tortura ou execução. Nos julgamentos, entre os 1.918 denunciadores da tortura na fase dos inquéritos dos IPMs federais, 81%% das acusações dos réus nos processos situariam-se no período 1969-1974. (LARANJEIRA, 2014, p. 158).

Durante o governo de Costa e Silva, onde se intensificaram as manifestações a favor da democracia, iniciaram-se os conhecidos “Anos de chumbo”, onde foi decretado o estado de sítio, a cassação de mandatos de político, e instaurado o decreto que permitia o governo punir os inimigos da ditadura.

O Governo de Médici foi considerado o período de maior repressão da Ditadura Militar, a tortura era basicamente uma das políticas difundidas pelo estado, inúmeros prisioneiros políticos foram torturados com todos os mecanismos, a censura foi intensificada sobre a mídia.

A atuação da mídia foi um dos pilares de sustentação para que o golpe pudesse acontecer e se mantesse atuante por tanto tempo, jornais mais conservadores instigaram o golpe e apoiaram suas demandas, mesmo sofrendo censuras em todo seu editorial. Claro que o jornalismo também trabalhou na resistência, a imprensa alternativa se refugiou na arte, na criatividade e no humor para fugir da repressão e tecer críticas aos crimes constantemente desse regime.

A história poderia ter acabado em 1985 com a eleição de Tancredo Neves, mas aqui estamos em 2022 com um presidente que “flerta” e estimula deliberadamente as forças militares e promove o apoio social a esse projeto de repressão social.

Dentro desse contexto as policiais estão sujeitas aos incentivos políticos a militarização social. No Paraná em 2017 as mortes decorrentes de intervenção policial foram de oito causadas pela polícia civil e de 220 causadas pela PM, em ações fora do serviço foram registrados 39 casos.

Enquanto o número de policiais civis mortos em confronto é de seis e da polícia militar de quatro mortos. Em 2018 a polícia civil foi responsável por 13 mortes, a militar por 283 e em ambas foram responsáveis por 24 mortes em ações fora do serviço.

Ainda se atentando aos números de letalidade movimentados principalmente pela polícia militar, vale expor que o número de suicídios entre a PM é maior que o número de profissionais mortos em serviço, em 2017 o número é de seis suicídios e em 2018 de oito. A imersão em um sistema policial violento também retorna aos profissionais que atuam dentro da corporação direcionando sua atuação aos princípios que cabem em seu juramento.

Entre os anos de 2017 e 2018 a porcentagem de mortes ocasionadas ao contato com a polícia correspondia a 24,4% entre pessoas brancas, enquanto a morte de pessoas negras atingia os 75,4%.

É impossível dissociar o crescimento de ondas conservadoras e fascistas do avanço da militarização e a um embate direto ao crescimento da ocupação

pelas diversidades em diferentes espaços de poder, vistos por séculos como excludentes e exclusivamente brancos.

No Brasil o número de células nazistas entre os anos de 2015 e 2022 foi de 72 grupos para 1.115. Curitiba ocupa o terceiro lugar entre as cidades com o maior número de células, com cinquenta grupos identificados.

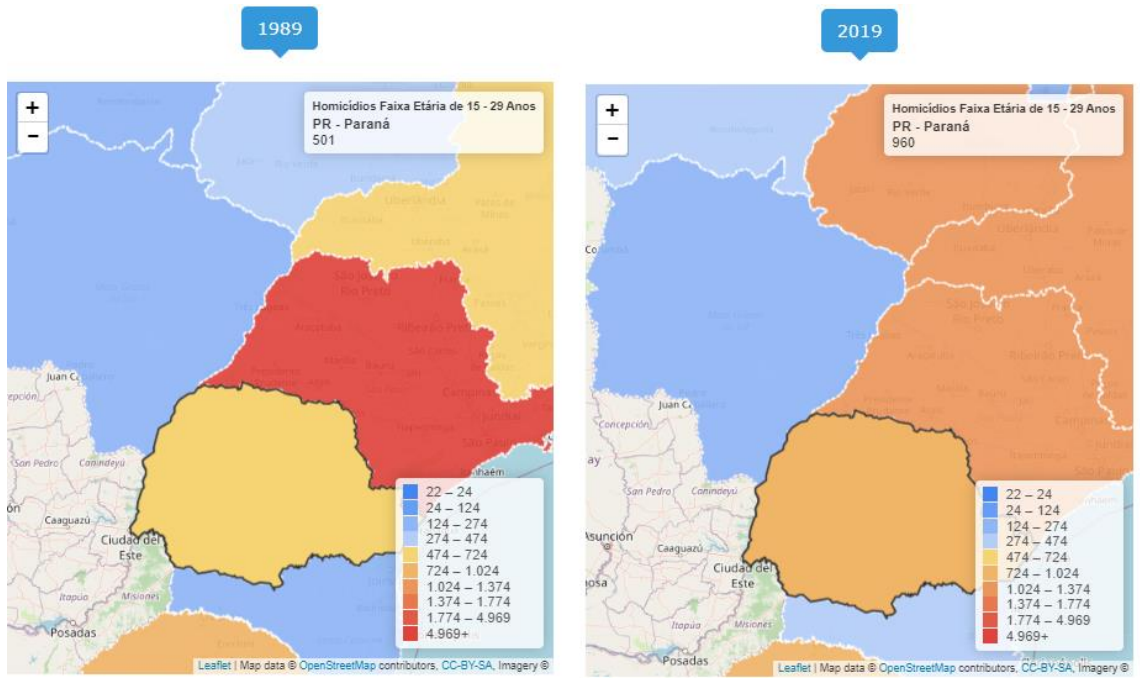
2.4 CURITIBA A CIDADE MODELO?

A cidade de Curitiba foi criada em 29 de março de 1693, seu nome é originado do Guarani e significa grande quantidade de pinheiros. Reconhecida por vender a propaganda de ser a “A capital ecológica do Brasil”, do transporte público de excelência – que um dia foi modelo – a instabilidade climática é aparentemente um dos únicos problemas reconhecidos pela prefeitura.

Em 29 de abril de 2015, mais de 200 pessoas ficaram feridas, durante mais um episódio de repressão da polícia do Paraná, professores da rede estadual de ensino, que estavam em greve acampados no Centro Cívico, onde aconteceu a votação do projeto de lei que alteraria o Paraná Previdência, que segundo eles, acarretaria perda de benefícios. Os manifestantes foram agredidos com cassetetes, jatos de spray de pimenta, bombas e balas de borracha. Um total de 1.500 policiais foram direcionados para a proteção da Assembleia Legislativa. Esse é um exemplo de violência que acontece na cidade modelo, a luz do dia na frente de um órgão público, com uma manifestação acontecendo para reivindicação de direitos.

Em 2022 Curitiba foi a cidade que mais registrou vítimas em confrontos com agentes de segurança, com 121 mortes. No mesmo ano o total de mortes que foram registradas e relacionadas diretamente à confronto com as policias chega a 488.

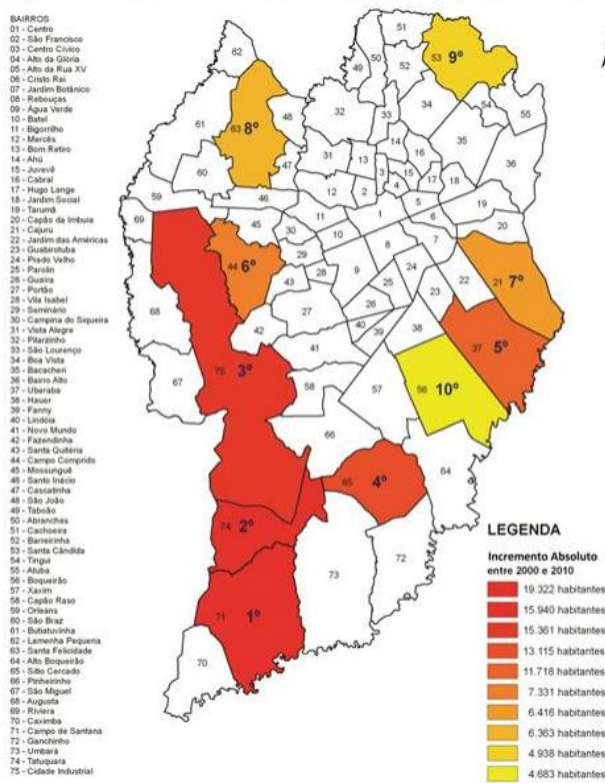
Segundo os dados disponibilizados pela IPEA, Curitiba ficou entre as quatrocentas cidades com maior número de homicídios por arma de fogo do Brasil em 2000 com 147 mortes entre a faixa etária de 15 a 29 anos. No mesmo período a cidade registrou um total de 189 homicídios, entre as mesmas idades.



Fonte: Atlas da violência

O adjetivo atribuído de cidade modelo descarta todas as problemáticas que Curitiba recusa a enfrentar.

FIGURA 3: Bairros com maior incremento absoluto populacional entre 2000 e 2010.



Fonte: IPPUC, 2012

Fonte: IPEA

Caminhar em Curitiba é uma experiência de observação. Responsáveis pela força de trabalho social consideram-se periféricos os residentes de grandes cidades que por acumulação capital e pela especulação imobiliária a morar em moradias aglomeradas e distantes dos centros, conseqüentemente submetendo esses indivíduos a carência de serviços essenciais. (CHAUI, 2017).

Se tão deliberadamente a polícia militar agride nossos professores, o que acontece nas áreas afastadas, onde a mídia não consegue chegar tão rápido para apurar os fatos antes que os corpos desapareçam.

2.5 O EXTERMÍNIO

Em 2022, foram registradas no Paraná 488 mortes em confrontos com policiais. Curitiba foi a cidade com maior número de mortes nesses confrontos com 121 registros de mortes ocasionadas pela PM.

A morte de um jovem negro morador de uma comunidade inserida em um contexto de marginalização e fragilidade é uma notícia rotineira, vemos a mobilização das frentes antirracistas, de seus apoiadores e se buscarmos nem tão afundo fake news disseminadas em um grupo conservador buscando justificar o homicídio ou então o completo silêncio, o que seria menos nocivo nesse momento. O erro começa na confecção de uma realidade onde a vítima é culpabilizada, mesmo quando atingida por uma bala perdida. Essa é uma dívida histórica, quando a periferia foi e ainda é forçada a existir, a prover a força de trabalho que sustenta os grandes centros e essa culpa ainda se estende, no imaginário social é de se esperar a violência de um bandido, mas não da polícia.

Apresentar suas queixas sobre a atuação da polícia para quem não mora nas favelas é com frequência um monólogo, pois suas críticas dificilmente obtêm repercussão na opinião pública e ainda mais remota é a possibilidade de provocar a adoção de medidas efetivas das autoridades para controlar o excesso de violência que seus agentes empregam” (SILVIA; LEITE, 2007, p. 558).

Nossas polícias também matam muito. Em 2016. Elas foram reesponsáveis por 6,8 das mortes violentas intencionais no Brasil. Em alguns estados a proporção é ainda maior. Em São Paulo, a polícia foi responsável por 17,38% das mortes intencionais, e no Rio de Janeiro, por 14,77% delas. Mas os policiais não são apenas autores. Entre 2009 e 2013 mais policiais foram assassinados no Brasil que em trinta anos nos Estados Unidos. (SZABÓ; RISSO, 2018, p. 25).

Como trazer a sensação de tranquilidade em uma sociedade em que não pode se confiar nos órgãos responsáveis por nossa integridade física? Existe algum meio de tornar o Brasil menos violento dentro dessa realidade?

Somam-se aos números estatísticos que ilustram a relação negativa dos brasileiros com suas polícias: 70% da população do país não confia na instituição, e 63% se declaram insatisfeitos com sua atuação. O medo diante da polícia também é registrado em cifras: um terço da população teme sofrer violência policial. E índice semelhante receia ser vítima de extorsão pela polícia. (MENA et al, 2015, p.20)

Indiscutivelmente a corporação da polícia é mantida em moldes problemáticos, resolver violência com violência levará o convívio social a que ponto? Também é inegável que os próprios policiais são vítimas desse sistema e possivelmente instruídos a permanecer na profissão caso consigam desempenhar certo nível de reação, mas nesse combate apenas vemos vidas perdidas e não resultados de que essa força de enfrentamento ao crime esteja nos levando a algum lugar, cada vez vemos armas mais eficientes e novas notícias de massacres.

3. O FOTOJORNALISMO EM FOCO

Neste capítulo, será relacionada a fotografia como ferramenta de expressão da verdade e a função do jornalismo de segurança pública como denúncia. O contexto da sociedade e os tipos de violência relacionados ao recorte aquisitivo e racial usados como base desse trabalho de conclusão de curso.

3.1 O FOTOJORNALISMO COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA

A fotografia nasceu atrelada a uma visão artística, mas também se tornou como um instrumentos de demarcação de poder aquisitivo e representação do quem paga para ter. O fotojornalismo se instaura no momento em que a intenção do fotografo é entregar as informações daquele momento para que o público tenha os fatos do acontecimento e possivelmente consolidarem suas próprias opiniões, o que poderia estar melhor vinculado a verdade do que o exato momento em que as notícias se constroem, porém a interpretação da verdade é um conceito debatido amplamente no jornalismo Tudo o que é visto e descrito parte de uma interpretação.

O fotojornalismo constitui, nessa perspectiva, um estatuto de construção da realidade, lugar de produção de sentido. Ele é considerado como um discurso de atualidade, como um dispositivo de produção da realidade. A ação do fotojornalismo está voltada para a questão do dar sentido, do fazer-ver, do fazer-criar... (HADLICH, 2006. p. 3).

Dentre as responsabilidades do jornalismo destaca-se o comprometimento com a representação da verdade, a ética jornalística precisa estar presente para estabelecer a confiabilidade no público que recebe as imagens. Entre os conflitos urbanos a fotografia foi usada como resistência e denuncia.

No século XIX, o fotojornalismo tinha o nome de Fotodocumentarismo esse trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de usar do fotojornalismo

como percepção da realidade do outro, para então documentar e trazer da melhor forma possível as verdades e os sentimentos que estavam impregnados naquele momento e naquele espaço.

4. MAPA DE UM PRODUTO

Para realizar as duas etapas desse trabalho de conclusão de curso, teórica e a produção do produto em formato de livro fotografia-reportagem, foi utilizada as seguintes linhas de desenvolvimento.

4.1 METODOLOGIA

Inicialmente a intenção era realizar esse trabalho no Rio de Janeiro, então a metodologia a seguir é direcionada a esse recorte.

- A) A pesquisa regional dos jornais:** Identificar como as notícias em especial as manchetes repercutem preconceitos raciais, regionais e possivelmente ajudam a acentua-los no convívio social – nesse período realizei a identificação dos seguintes aspectos: Jornais televisivos locais inconscientemente ou conscientemente utilização das notícias de violência como um atrativo para a audiência, esse seria um aspecto que ajudou e ajuda a normaliza-la? Após essa pesquisa, pensei em uma forma que meu trabalho pudesse ajudar a remediar os feitos de um jornalismo nocivo.

- B) Seleção de bibliografia:** No referencial teórico foram identificadas centenas de trabalhos que abordam a violência policial direcionada às áreas periféricas, porém utilizei do recorte de uma visão jornalística e de obras que viessem de indivíduos presentes nas áreas de conflito encontrados no SciELO.

- C) Localização de possíveis fontes:** Para ajudar no recorte sobre as áreas, que ainda vão ser selecionadas, possíveis fontes foram elencadas para o produto.

- D) Material visual:** Entre meus colegas, que trabalham com diferentes formas de arte, solicitei o trabalho para ilustrações que gostaria de ter no livro. Fora essas artes pontuais, as fotos serão feitas por mim.

E) **Vínculos com as regiões:** Tenho a pretensão de conviver o máximo possível com os personagens que forem descobertos durante a inserção na região, para contar com depoimentos e fotos que retratem intimamente o sentimento de não pertencimento social.

F) **Direcionado a:** O livro-fotorreportagem tem a capacidade de atingir públicos diversos, estabelecendo um recorte, este trabalho está direcionado a quaisquer indivíduos que tenha o interesse em reconhecer as violências estruturadas pelo racismo.

A partir daqui começa o desenvolvimento do produto em Curitiba.

G) Por recomendação dos meus orientadores segui a linha de buscar uma comunidade curitibana para realizar a inserção e convivência.

H) A Vila Zumbi foi selecionada como bairro de interesse, nesse momento busquei uma forma de me inserir na região, de forma que fosse guiada por líderes comunitários que pudessem me apresenta à região.

I) Entrei em contato com pessoas que exerciam diferentes profissões ou representações no entorno ou dentro da Vila: professor, assistente social, vereador e líder comunitário.

J) O contato foi bem-sucedido o vereador Sidinei Campos, que me designou sua esposa Luciana, atuante na presidência da associação de moradores e comerciantes da Vila Zumbi, mas infelizmente a visitação marcada com ela foi adiada e com o passar dos dias e com um descontentamento pessoal em tratar de uma área específica da cidade o plano de regionalidade foi mudado.

K) A abrangência dos casos tornou-se a toda Curitiba com o objetivo de mostrar a realidade da violência na cidade, onde não se limita às áreas

- periféricas, não se limita a vulnerabilidade de quem se encontra morando nas ruas.
- L) Vários representantes da resistência negra curitibana foram contatados para entrevista.
 - M) Com o objetivo de mostrar diferentes aspectos e da violência policial pessoas com casos de agressões ou relatos da sistemática do racismo foram entrevistadas. Sempre com a opção de permanecer no anonimato ou permitir o registro de um retrato.
 - N) Após as entrevistas, foram selecionadas uma palavra da fala de cada personagem, está palavra da nome ao “capítulo”, em grande maioria dos casos possui uma breve complementação textual que precede às falas.
 - O) Dentre os entrevistados que permitiram ser identificados, foi realizada uma foto de perfil.
 - P) Todas as fotos foram realizadas por uma lente 50mm.
 - Q) Todas as fotos, incluindo os retratos, foram editadas em preto e branco.
 - R) O livro foi construído com base nos depoimentos.

4.2 UM LIVRO EM PROPOSTA – A FOTORREPORTAGEM

Este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de produzir como produto final um livro-fotorreportagem que represente as diretrizes da violência policial em Curitiba, ouvindo vítimas dessa violência e exemplificando as extensões da marca do racismo na cidade.

A fotorreportagem busca interconectar uma narrativa visual, informando e comunicando-se por meio de uma série de fotografias. O livro fotorreportagem possibilita ao jornalismo a expressão por métodos menos

restritivos. Em sua grande maioria, reportagens ou longas reportagens atuam na realidade de consumo do leitor, do recorte temporal em que ela é escrita, ou seja, quanto o leitor costuma ler. Como a temática das Ruas do medo em Curitiba atua com abordagens de linguagens distintas, por sua variedade de histórias, o livro fotorreportagem acolhe a metodologia que pretendo utilizar para o assunto.

Já a função seria ter como objetivo informar, orientar ou explicar algum assunto a alguém, da mesma forma que no jornalismo impresso, porém de maneira mais extensiva a fim de defender questões, procurar causas e consequências, reconstituir uma história, investigar uma denúncia, de acordo com o assunto que o escritor (quase sempre um jornalista, mas não necessariamente) determinar como seu objeto de abordagem. MARTINS, 2010 p. 4).

No produto deste trabalho a fotografia é utilizada como elemento de identificação com os entrevistados após seus relatos serem contados, a percepção da cidade também é retratada, todas as fotos no corpo do livro foram tiradas no mesmo dia das entrevistas, após a realização das mesmas, com objetivo de fotografar com os sentimentos proporcionados pelos depoimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os dados de diferentes tipos de violência policial e de outras negligências chama a atenção de que em sua grande maioria, os dados beiram ou ultrapassam os 70 por cento, quando se trata a falta de acessibilidade a educação ou a equivalência de assassinatos entre pessoas pretas e brancas.

O processo de reconhecimento de pessoa branca e logo racista é uma das primeiras ações para o entendimento das problemáticas de uma estrutura feita para que os números de violência sejam uma doença social no Brasil, para que a carne mais barata do mercado seja a preta.

O trabalho tem objetivo de ser publicado em um livro físico, mas antes da publicação, pretendo acrescentar mais entrevistas, que construam uma percepção mais ampla das vivências de corpos pretos em Curitiba.

REFERÊNCIAS

SILVIA, Luiz A. M; LEITE, Márcia P. Leite, **Violência, Crime e Política: O que os favelados dizem quando falam desses temas?** Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/bF6jffXLc7dtKTw6QZnmNrs/?lang=pt#> SciELO. Rio de Janeiro. 2017.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** L&PM, Uruguai.1971.

MARTINS, Renata R. N. Livro-reportagem: Entre o jornalismo e a literatura Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2765-1.pdf>>. Acesso em 12 de março.

KARAM, Maria Lúcia; MORAES, Renato; MINGARDI, Guaracy; PEREIRA, Coronel Íbis; BATISTA, Vera Malaguti; CAPRIGLIONE, Laura; MENA, Fernanda; PESCHANSKI, João Alexandre; WYLLYS, Jean; SORAES, Luiz Eduardo; KEHL, Maria Rita; DUNKER, Christian; AB'SÁBER, Tales; CAMPOS, Rafa, GRAHAM, Stephen; Mães de Maio. **Bala perdida A violência policial no Brasil e os desafios para sua superação.** 2015.

IPEA - Caracterização e Quadros de Análise Comparativa da Governança Metropolitana no Brasil: Arranjos Institucionais de Gestão Metropolitana, GOVERNANÇA METROPOLITANA NO BRASIL, Relatório de Pesquisa Região Metropolitana de Curitiba. 2013. Disponível em: < file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/rel1_1_rmc.pdf>. Acesso em 15 de março de 2023.

RICARDO, C.; BALADEZ, J.; NEME, Cristina.; CAVALCANTI, F.; POLACCHI, N.; RICARDO, C.; JERONIMO, J; SÁ, S. **Violência Armada e Racismo: O Papel da arma de fogo na Desigualdade Racial** (2021, pg. 06) Disponível em: <<https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2021/11/Violencia-Armada-e-Racismo.pdf>>. > Acesso em 02 de setembro, 2022.

Organização Mundial de Saúde World. THE GLOBAL HEALTH OBSERVATOR. **Estimates of rate of homicides per 100 000 population.** Disponível em: <<https://www.who.int/data/gho/data/indicators/indicator-details/GHO/estimates-of-rates-of-homicides-per-100-000-population>>. Acessado em 02 de maio de 2022

SZABÓ, Ilona; RISSO. **Segurança pública para virar o jogo.** Editora Zahar, Rio de Janeiro. 2018.

HADLICH, Donaldo. **A Fotografia como Agente de Atualização do Presente.** Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514252209011> > . Acessado em 20 de maio de 2023.

CHAUI, Marilena. **Sobre a violência**. Autêntica, São Paulo. 2017.

GOMES, Laurentino. **Escravidão, Volume I Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. 2018.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes. **A mídia e o regime militar**. Editora Sulina. Porto Alegre. 2014.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência**. 2021. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>> Acesso em 03 de dezembro de 2022.

RICARDO, C.; BALADEZ, J.; NEME, Cristina.; CAVALCANTI, F.; POLACCHI, N.; RICARDO, C.; JERONIMO, J; SÁ,S. **Violência e Racismo: O papel da arma de fogo na desigualdade Racial**. Disponível em <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2021/11/Violencia-Armada-e-Racismo.pdf> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, São Paulo. 2022.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. DIAS, Silva, Tatiana. **Ação afirmativa e população negra na educação superior: Acesso e Perfil Discente**.2020. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10102/1/td_2569.pdf Acesso em: 7 dezembro de 2022.

CAMPOS, Ana Cristina. Negros são maioria dos mortos em ações policiais. De 20 de novembro de 2018. Rio de Janeiro. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-acoes-policiais>> Acesso em: 13 fevereiro de 2023.

[Link para leitura](#)



• Resumo	Página 3
• Introdução	Página 4
• Ancestralidade	Página 9
• Anônimo	Página 20
• "Minoria"	Página 25
• Desmilitarização	Página 33
• Acolhimento	Página 39
• Elitismo	Página 45
• Identificação	Página 52
• Estigma	Página 57
• Conclusão	Página 63

sumário

resumo

A sociedade brasileira não está rompendo com urgência o suficiente contra os causadores, nem olhando para as reivindicações das vítimas marcadas pelas regressões formadas pelo racismo. O acordo racista social, político, econômico e religioso que a branquitude estabeleceu e uma das raízes que ignoramos, até que seus frutos estejam podres em nossos pés novamente.

No contexto do combate policial aos diferentes tipos de violência que atingem uma cidade, nota-se que contraditoriamente não acontecem avanços significativos na diminuição da violência, mas sim um direcionamento do rigor, sendo muito branda a palavra, a áreas periféricas e a um recorte populacional específico. A cada 23 minutos morria um jovem negro no Brasil em 2016. Ao menos cinco pessoas negras foram mortas por ações policiais por dia em 2021, dentre sete cidades e estados brasileiros.

A favelização foi um processo acentuado após o marco da suposta Abolição da Escravidão. Mesmo mais de 100 anos depois, corpos pretos continuam destituídos de direitos e rotulados por ideologias racistas. Como um agente de reação imediata, quando espaços que sempre foram ocupados por pessoas brancas se deparam com a convivência a indivíduos pretos, indígenas, LGBTQIAP+, imigrantes, ou outra forma de diversidade, surge a resposta do conservadorismo e dos fascismos em uma onda de violência desesperada pela retenção de poder.

A origem do início da violência vinda das autoridades não foi datada, mas naturalmente podemos pensar em uma imagem nítida da ditadura de 1964, a Guerra de Canudos ou aproximando a data e a localização em nossos professores espancados por policiais em frente à Assembleia Legislativa do Paraná. Contrariamente ao ideal de uma Curitiba modelo, a violência não é originária nem exclusiva das periferias. Ela percorre todas as ruas da cidade, mas seleciona corpos marcados há muito tempo pela perversão de um país racista.

introdução

Ao se observar a repercussão midiática e social de como as ações policiais acontecem em diferentes contextos, nota-se que não ocorreram avanços significativos no objetivo proposto pelas diferentes áreas de atuação policial: Diminuição dos delitos, da desordem social, confronto a injustiças sociais, mas contraditoriamente aos princípios do que esperávamos de uma instituição que jura defender, observamos a construção de uma realidade em que pessoas negras são visadas como alvo de extermínio e exclusão social.

A partir do momento que se direciona e se estabelece um sistema para eliminar corpos que não apresentam a cor da um colonizador europeu, renegamos toda a diversidade e principalmente os povos originários desse país. A população negra no Brasil representa mais de 50% da população (IBGE) e também corresponde a 77% das vítimas de assassinato no país. (Atlas da Violência, 2021).

O interesse pelo tema nasceu de uma angústia antiga. Meu ensino escolar foi integralmente público, onde interagi com diferentes realidades sociais: dos alunos que não retornavam para casa depois do horário escolar para terem exclusivamente duas refeições no dia, aos alunos que descreviam suas férias internacionais nas redações escolares. Dentro desse ambiente, presenciarei várias formas de violência, tanto verbal, quanto física, mas esse trabalho se direciona para uma violência específica. Costumo falar que foi um dos momentos durante minha infância que a boia protetora em minha volta acabou afilada. Havia dois colegas, irmãos, pretos, com dificuldades escolares, excluídos e negligenciados por praticamente toda sala. Foi a primeira vez que escutei ofensas direcionadas à pele negra por pessoas que estavam em minha volta, infelizmente não a última. Com uma fala privilegiada de quem não sabia o que significava a palavra racismo, esse momento nunca sumiu entre minhas lembranças escolares.

Enquanto crescia, conheci minha primeira figura política de admiração: não consigo imaginar uma realidade em que eu não ficasse admirada pela luta e a pela esperança emanada por Marielle Franco.

Ao observar detalhes da convivência com pessoas negras, passei a perceber a quantidade de documentos que amigos carregavam, observava como a polícia os olhava, esperava de braços cruzados as revistas metódicas que passavam na entrada de cada festa, enquanto mal tinham aberto a minha bolsa. Demorei anos estudando para me sentir preparada para conversar com uma pessoa preta sobre o racismo. Sempre me debatia com medo de ser mais uma dor rotineira em uma realidade que por si só já é agressiva o suficiente, até chegar ao momento da minha decisão de escrever um livro sobre um tema tão delicado. Decidi antes mesmo de saber o resultado do vestibular. Não existe outro tema sobre o qual aceitaria realizar um trabalho de conclusão de curso. Este livro foi realizado em forma de livro-foto-reportagem. Busquei líderes da resistência negra em Curitiba e indivíduos que estivessem envolvidos ou tenham sofrido violência direta pelas forças policiais, ressaltando que a extensão dessa violência percorre toda a cidade. Estão registrados pelo fotojornalismo os retratos de oito fontes que disponibilizaram suas realidades em uma cidade que se atrelou essencialmente ao racismo. Ressalto que todos os depoentes se sobressaem muito além do racismo sofrido.

Entre minhas motivações da escolha pelo livro-reportagem, fica minha paixão e teozão de permanência no curso, o fotojornalismo. Sempre tive interesse pela fotografia, mas nunca gostei de estar diante das câmeras. Quando entrei na faculdade meu primeiro ensaio fotográfico foi desastoso: mantive-o guardado escondido para iri ocasionalmente. Aprendi a fotografar devido a uma das minhas melhores qualidades, chamada de teimosia. Frequentei a primeira manifestação quando fugi de casa para participar do ato contra o golpe da Dilma. Entrei na faculdade no ano da possível eleição do ex-presidente, 2018, e participei de todas as manifestações que fossem humanamente possíveis, chegava às oito da manhã e voltava para casa depois das oito da noite. Moro na região metropolitana, nunca foi uma opção voltar para a casa no intervalo entre as aulas da manhã a noite, tão pouco sair dos atos que acreditava que representavam o futuro que queria, foi entre eles que peguei uma câmera emprestada e comecei a tentar ser fotografa, sempre senti muita insegurança nesse período, por muitos anos detestei todas as minhas fotos, mas hoje sei que acabei conseguindo. Sigo tentando em usar apenas minha 50mm em todas as ocasiões possíveis. Sobre o preto e branco, sempre foi o preto e branco, não era uma opção que minhas fotos não fossem guiadas por essa ausência de saturação.

V
o
z
e
s

d
o

l
i
v
r
o



Diorlei Santos, arte educador na ONG Passos da Criança, na Vila Torres, em Curitiba, presidente do Bloco Afro Pretinhosidade - Ancestralidade.



Giorgia Prates, Giorgia Tais Xavier Prates, 44 anos, fotojornalista, ativista social, vereadora em Curitiba pelo PT. - "Minorias".



Renato Freitas, Renato Freitas, 39 anos, ativista, advogado pela UFPR, deputado estadual PT, ex-líder estudantil - Desmilitarização.



Rei Seely, 34 anos, pesquisador na área da educação na Universidade Federal do Paraná, reside no Cajuru - Identificação.



João Eduardo Pereira Pedro, 24 anos; Reside em Fazenda Rio Grande Assessor de comunicação sub-editor de um site de jornalismo esportivo - Acolhimento.



Juliana dos Santos Barbosa, 47 anos, professora e pesquisadora de Relações Públicas na Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutora e pós-doutora em Estudos da Linguagem; estudiosa de samba, jurada das escolas de samba no Rio de Janeiro - Identificação.



Luiz Geraldo Santos da Silva; tenho 59 anos; reside no Juvevê.
Professor Titular do Departamento de História da UFPR - Estigma.

Este é um livro dedicado
a Marielle Franco.

ANCESTRALIDADE

Partindo de raízes africanas, a ancestralidade diz respeito a heranças culturais, históricas, genéticas e identitárias. A diáspora africana, ou seja o deslocamento forçado gerado pela violação da escravidão promovida por diferentes países resultou na retirada de milhões de indivíduos do convívio e do desenvolvimento de sua culturalidade.

Como parte desse processo violento de retirada, os indivíduos escravizados foram simultaneamente submetidos à anulação da sua identidade, pertencimento, do direito ao conhecimento de suas próprias histórias e interação com seus familiares.

Além do marco inicial, de agressão, violação, acorrentamento e retirada identitária, após a Abolição da Escravatura no Brasil, o apagamento cultural e a repressão das expressões africanas continuam vigentes em expressões diferentes do racismo.

Entre os séculos de permanência forçada e contenção do afloramento da cultura africana no Brasil, ela se tornou meio de sobrevivência e resistência aos escravizados e ainda além da escravidão a toda a população negra que descendeu após ela. Inegavelmente nossos cotidianos caminham em conjunto a heranças da linguagem, da música, culinária e toda forma de expressão artística africana.

26. 01

26. 02

Diorlei Santos

ARTE EDUCADOR, PRESIDENTE DO BLOCO AFRO PRETINHOSIDADE



"... nós somos pretos em diáspora, em África o nosso povo dança quando alguém morre, dança quando alguém nasce, dança para agradecer a colheita, para agradecer a alimentação, dança para quase tudo. Isso é nosso, nós tiraram da África, mas não vão tirar de dentro da gente essa conexão."

Pode me falar sobre seu trabalho de educador em uma cidade e país racistas?

A gente está aqui para quebrar essas barreiras. Eu sou arte educador, trabalho com a música e a musicalidade afro brasileira. Primeiro procuro que as crianças tenham a minha pessoa como uma referência, de uma pessoa preta que conseguiu, que deu certo na vida, que conseguiu contrariar as estatísticas. Sabemos qual é a realidade de jovens negros nas comunidade periféricas. Os meninos logo cedo entram pro tráfico de drogas, as meninas são aliciadas para a prostituição. Devido a essas situações, sabemos que raramente eles chegam até os 18 anos. As meninas até vivem um pouco mais, mas os meninos, quando adentram no tráfico de drogas, raramente chegam até os 18, no máximo atingem os 25 anos. Ai, ou o sistema mata ou o braço do sistema que a polícia opera mata ou a própria criminalidade mesmo acaba matando.

O fato de ser um educador preto atuando na linha de frente com crianças e adolescentes é uma boa referência de que estamos no caminho certo. Eu procuro não falar diretamente sobre o racismo com as crianças, prefiro falar sobre a representatividade, sobre o que é, para que estejam preparadas para alguma situação e sofram um pouco menos, vivemos em um país que em algum momento uma criança ou pessoa preta vai passar por uma situação de racismo. É bom que elas entendam que foi uma ação racista, para poder se defender da melhor maneira possível, não deveriam, mas é uma realidade.

Relacionado à representatividade, venho com o meu cabelo black power, com uma roupa mais afro, venho de turbante, e algumas crianças querem reproduzir ou me perguntam o porquê do turbante, explico para elas a relação dele com as pessoas pretas. Sou candomblecista, venho com as minhas contas e as crianças questionam por que uso uma cor em cada dia. Procuro estar como representatividade. Prefiro não falar diretamente com elas sobre a violência do racismo, especialmente com crianças de periferia, já bastam as violências que elas passam no dia a dia. Procuro falar quando esse assunto vem da curiosidade deles, quando vem de lá pra cá eles prestam mais atenção, a informação realmente fica.

Como é a relação de uma religião de matriz africana com a nossa cidade?

Preconceituosa. As pessoas não entendem e não procuram entender. Ai que se gera a intolerância religiosa, o racismo religioso. As vezes, a pessoa era tranquila na caminhada dela, não era preconceituosa. De repente, por alguma situação, adentrou uma igreja, seja católica, evangélica, ou qualquer outra religião que tenha um líder religioso despreparado, para gerir e lidar com aquelas pessoas, que joga todos os seus preconceitos e acaba passando isso para os fiéis, demonizando as religiões de matriz africana, religiões indígenas. O que falta é conhecimento. É muito difícil ser candomblecista em Curitiba, por essas situações de perseguição; e também porque o candomblé é uma religião que do começo ao fim lida muito com a alimentação, muito mesmo. Algumas coisas a gente não acha aqui para comprar e quando acha é muito caro. Acaba se tornando uma religião cara para quem quer praticar ela nesse lado do país, tudo aqui é quatro vezes mais caro. Isso é uma forma de exclusão também. Em 2011, um terreiro da Fazenda Rio Grande foi queimado. Por isso, a partir de 2012, em todo mês de maio, começou a ser realizada uma carreta em forma de protesto. Inicia pela manhã e termina com a feijoadá, na hora da de almoço. Essa caminhada e esse protesto surgiram da força das religiões de matriz africana, que conseguiram se unir para reerguer o terreiro em três meses. Abril é mês de Ogum, o orixá do caminho, da prosperidade, foi pedido muito a ele que conseguíssemos levantar esse terreiro de novo e ele ajudou, esse ato também foi uma forma de agradecimento.

Como é a sua vivência enquanto pessoa negra em Curitiba? Como a violência policial te afetou?

Acho que o respeito é a base de qualquer sociedade, a base para tudo. Se houvesse respeito, a gente teria menos policiais corruptos, menos preconceito religioso e racial, menos homofobia, gordofobia, todas essas fobias que estão por aí.

Relacionado à questão policial, é complicado demais. Por ser preto, a gente já se torna suspeito. Acontecem várias negligências, vários desrespeitos numa abordagem policial. Essas autoridades não tratam uma pessoa preta igual a uma pessoa branca. Em 2014, comprei um carro zero. Meu irmão trabalhava na Renault e eu tinha um Celtinha todo zoado. Ele falou que meu carro só estava dando problema e que tinha 30% por cento de desconto na concessionária e quis tirar um carro zero para mim, o novo Logan. Na época, era um carro que Nossa Senhora, poucas pessoas na época tinham. Até eu conseguir colocar a placa naquele carro, fui parado umas dez vezes pela polícia, isso que tinha um mês para colocar a placa. Em um mês fui parado dez vezes. A polícia é truculenta quando vê uma pessoa preta num carro zero.

- Esse carro é seu?
- É meu senhor.
- Por que está sem placa?
- Porque eu comprei zero senhor.
- Ah! Certeza? Isso aqui não é pra você cometer assalto? Não é pra você fazer os bagulho? A gente está ligado que vocês fazem suas fitas.

Vários! A que mais me marcou entre essas abordagens foi quando o Ilê Aiyê veio pra cá. Eu participava de um grupo de dança afro na época. Fomos para um ensaio de noite e combinamos de ir ao teatro assistir ao tributo ao Ilê. Nesse dia, a galera pediu para eu levar limão e sal porque o grupo de dança gosta de comer. Level, ensaiamos, e o pessoal resolveu que queria dar role. Primeiro precisava passar no hotel, guardar as coisas. Colocaram todas as 16 bolsas dentro do meu carro. Quando eu estava dando a volta na quadra, escutando Racionais, eu e outro irmão, dois pretos em um carro novo, cheio de bolsas, o carro parou do lado. Quatro policiais se abaixaram juntos e olharam quem estava dentro do carro. Quando viramos na avenida Marecha, eles enquadraram a gente, uma quadra pra baixo do do do shopping Itália. Enfiaram um cavallinho de pau na frente do meu carro. Quase batí no carro deles. Já desceram gritando.

- Vai vai desce desce mão na cabeça. Vixe a gente já saiu mão na cabeça.
- Cadê? A gente só quer a maconha neguinho.

Já começa o desrespeito aí, você pode perguntar o nome da pessoa, não se chega acusando.

- De quem é esse carro? É seu?
- É meu.
- Tá no seu nome?
- Não, não está no meu nome ainda porque meu irmão comprou e quando eu terminar de pagar vou passar para o meu nome, se você olhar os documentos é o mesmo sobrenome, se quiserem ligar pra ele podem ligar.
- A gente vai revistar geral aqui se achar maconha vão os dois presos.

Ai eles começaram. Tiraram e viraram todas as bolsas em um monte só. Dezessete bolsas e não acharam a maconha, não iam achar mesmo. Ano que vem vai fazer 20 anos que parei de beber e de fumar. Depois de tudo isso desmontaram o meu carro, tiraram os bancos, sei que a abordagem demorou quase uma hora. Nisso o pessoal da banda passou de van e viu. Alguém ligou para o meu grupo, mandou a localização e, quando vi, foi juntando a galera. O movimento preto que estava assistindo à peça também ficou sabendo. Muita gente preta foi chegando no lugar e quando mais chegava, mais os policiais zoavam. Uma professora da federal foi falar que eles não podia fazer aquilo, que era desrespeito e o sargento respondeu

- A senhora é daqui?
- Sim
- Se a senhora não tá gostando da abordagem, então muda de cidade

Lembra que falei que tinha levado sal e limão? Pois sobrou sal e guardei no bolso. Quando eu sentei no carro a sacolinha caiu no chão, o policial achou o saquinho. Essa cena deveria estar dentro de um filme. Ele chegou e o sargento perguntou se tinha achado alguma coisa.

- Sargento a maconha eu não achei, mas achei isso aqui

Quando ele tirou do bolso falei:

- Espera isso aí não é o que o senhor está pensando.
- Não é o que eu estou pensando? Então o que que é?
- É sal.
- Ah, você é um cavalo pra comer sal? Você é boi pra comer sal?
- Não senhor.
- Por que você está carregando sal?
- A gente é do grupo de dança e a galera queria chupar limão com sal, o senhor só não vai encontrar limão no carro porque a gente consumiu tudo.

Ele não acreditou, pegou a faca rasgou, colocou o dedinho no pacote e depois na boca, enquanto os outros ficaram olhando.

- Pior que essa merda é sal.

Se ele falasse alguma merda a galera estava ali. Me fizeram assinar um papel falando que era uma abordagem de rotina. Meteram o pé e nos deixaram ali, com as coisas todas jogadas. Pensei em abrir um processo, mas eu tinha assinado aquele papel, tinham pego meu nome e é aquilo, a gente mora em comunidade eles são uma máfia, ligam pra outro que faz a ronda na região, passam a minha foto e pedem pra colocar alguma coisa no meu bolso.

Faziam cinco anos que eu não era abordado, foi meu recorde. Já tomei abordagem uma vez por dia, pelo menos uma vez por mês. Agora, há uns 20 dias sofri uma revista porque o pisca do meu carro estava queimado e eu não sabia. A viatura que estava atrás de mim e parou para me avisar e pedir para arrumar que isso dava multa. Por enquanto, tudo certo, mas o policial parou e disse:

- Já que a gente está aqui, quer saber, desce do carro, mão na cabeça.
- O que senhor?
- Isso mesmo que você escutou, não tá escutando?
- Calma senhor estou estacionando e vou descer.
- Você é folgado, você é espertinho.

Pegaram todos os meus documentos e entraram naquela mesma situação.

- Tem maconha e arma no carro negão?
- Não tem não, senhor.
- Se a gente achar você vai preso, já teve passagem?
- Não tenho não.
- Você é daqui?
- Como assim? Sim, sou de Curitiba.
- Você não parece de Curitiba.

Passamos por situações de descaso com o bloco, por parte do Estado, da prefeitura. A gente faz o carnaval aqui na comunidade descentralizado. Nossa ideia é trazer as pessoas para cá para desmistificar a Vila Torres. Toda comunidade tem os seus prós e seus contras. Morar no Centro, tem seus prós e seus contras também, mas ninguém fala. Está todo mundo no Centro batendo perna e a criminalidade lá é pulsante. Todo dia tem mais de 50, 100 pessoas roubadas no Centro.

Este ano [2023], a gente fez o carnaval aqui na Vila. Em torno de 700 pessoas vieram, mas a gente não conseguiu banheiro químico, uma estrutura mínima. Quem acolheu as pessoas foi a própria comunidade que abriu suas casas para os visitantes.

O Estado é isso. São articulações do racismo estrutural para que a gente desista. As pessoas podem falar, "porque vocês não participaram do edital tal". Não é questão disso: o bloco está há cinco anos promovendo o carnaval aqui na vila. A gente conseguiu banheiro químico para a nossa segunda saída aqui, porque conversamos com dois vereadores, mas não foi a fundação cultural entendeu? Não foi um reconhecimento de que devemos ter o apoio deles, de que estamos resgatando uma questão cultural da comunidade.

A primeira escola de samba de Curitiba nasceu aqui dentro da vila e a primeira bateria nota dez do carnaval foi a bateria dos Bocas Negras, majoritariamente formada por pessoas pretas. No primeiro desfile, os sambistas caminharam daqui até o Bondinho da Rua 15, tocando em forma de protesto. O carnaval nem era na Marechal, nem no Centro Cívico. Muito se fala aí que o Garibaldi é o primeiro bloco, mas eles têm entre trinta, vinte e cinco anos, o primeiro bloco aqui tem quase setenta. Nós não estamos trazendo nada de novo; a gente está reconectando essa comunidade a sua cultura. A prefeitura, a própria fundação deveria fazer um Museu do Carnaval aqui dentro, respeitando o contexto histórico da comunidade.

Um amigo que estava comigo no carro, que é do Maranhão, o oficial também quis saber de onde ele era e pediu a identidade de Curitiba.

- Identidade não é em território nacional, que nem habilitação?
- É, mas fica melhor pra gente se você jogar fora essa identidade sua e fazer uma identidade aqui do Paraná. Porque, agora, se a gente quiser, podemos te segurar até ligar pro Maranhão, fazer uma busca lá para ver se você não está sendo procurado porque os caras de longe vêm se esconder aqui.

A primeira parte começou bem. Até tinha agradecido. E complicado - em todos os lugares em que a gente vai o pessoal olha pra gente de uma forma estranha, até quando a gente está com o nosso bloco da Afro Pretnhosidade que surgiu por causa da "gentileza" policial. Em 2014, o grupo [carnavalesco] Garibaldis e Sacis estava tocando e a gente estava curtindo atrás do bloco. Sempre levo um ou dois instrumentos, sempre vão me ver por aí com um instrumento na mão. O Bloquinho terminou e a gente começou a fazer um samba quando a polícia chegou jogando spray de pimenta, bomba de gás, dispersando todo mundo. A partir dali, a gente decidiu montar um bloco pra gente sair e o nome era Preciosidade. Fizemos uma música e saímos depois do Garibaldis, cantamos, brincamos e fomos pra casa.

Em 2017, por volta de novembro, dialogamos para montar um bloco afro. Em 2018, tem início o bloquinho Afro Pretnhosidade, ele nasceu a partir de uma truculência do Estado com pessoas pretas, com a nossa cultura do carnaval, do tambor a cultura preta.

Todo mundo lá fora acha que não tem carnaval em Curitiba, mas em outras cidades nosso evento é super conhecido. Isso é um mecanismo de racismo estrutural do sistema, que faz com que a própria cidade seja invisibilizada nessa situação. Querem que Curitiba seja vista como cidade modelo, cidade do Jardim Botânico, cidade do transporte público. O desrespeito que se tem com a população preta começa no Estado. Precisamos começar a mudar lá dentro, mudando a chave na cabeça das pessoas, mas a gente enquanto sujeitos pretos que vivem em Curitiba, temos que lutar no dia a dia contra o racismo que bate de frente com a gente.

Como se não bastasse, isso ocorre dentro de casa também, através de brincadeiras racistas de algum amigo, de um relacionamento interracial, quando a pessoa nasce um pouquinho mais branca: "Ah, minha mãe esqueceu ele mais tempo no forno do que eu". Já passei situação parecida. Meu irmão é branco e eu sou negro. Sempre escutei piadinhas assim. Na rua, nos estabelecimentos, dentro de casa e se isso não bastasse contra o estado.

E difícil ser preto no Brasil é só em Curitiba. Salvador, por exemplo, tem 95% da população preta e até hoje não teve um prefeito preto. E a mesma situação da África do Sul. Quanto tempo demorou pro Mandela ser eleito? Tudo que ele teve que passar sempre sendo gerido por pessoas brancas, dentro do continente africano. Nós temos que lutar contra o Estado de sempre.

Quando conseguimos eleger um irmão ou irmã preta, eles passam por diversas situações de racismo; e quando são ponta de agulha e se posicionam, acontece infelizmente o que nem aconteceu com Marielle Franco e com vários de nós, ela ia pra cima do estado mesmo e o que aconteceu? A nossa irmã não está mais aqui.

Eu fico muito feliz em relação aos deputados Renato Freitas, a Carol Dartora, a Mandata Preta, entre outras lideranças que conseguiram chegar nesse meio político. Ainda temos que ser estratégicos quando estamos lá. Não podemos bater de frente com tudo. Se bater de frente com tudo. O Renato bate, tomará que ele nunca fique de frente com um neonazista. É uma coisa que temos que pensar quando acendemos socialmente, em um cargo público ou financeiramente.

Faz poucos anos que festas voltadas às pessoas pretas têm surgido em Curitiba. Qual a importância dessa forma de representatividade?

Uma das festas de referência no momento é o "Um Baile Bom", que em 2023 completa oito anos. É muito importante lugares onde a população preta consegue se expressar, dançar, vestir sua roupa e não ser olhada diferente, como se fossemos "exóticos", entendeu? A gente vai no baile e consegue se ver representado nos nossos iguais; vamos sem medo de arrumar briga no final. Todo mundo nesse contexto pode brincar, pode realmente se distrair. Já são tantas violências que a gente passa durante o mês todo, que o baile é essa válvula de escape. E depois surgiram a festa "Chave Total", o "Baile da Durag", a "Barracuda" e a "Afrotum", festa que eu idealizo.

Em um passado não tão distante, as pessoas negras de Curitiba só podiam frequentar festas na Sociedade Beneficente Operária 13 de maio. Se hoje a gente está em quase 30% da população, naquela época nós poderíamos ser em 20 mil. Pense em só um lugar para vinte mil pretos frequentarem, sendo que no lugar só cabiam 400 pessoas. Como que você faz para essa galera ter um momento de lazer. Em todos os outros clubes da cidade só iam pessoas brancas.

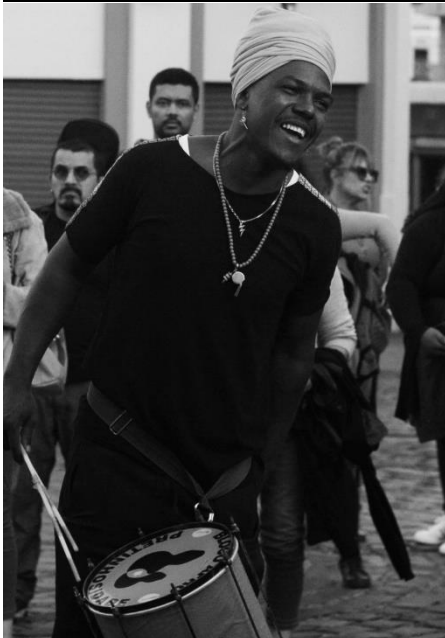
Fui algumas vezes em uma balada, porque eu gosto do som de lá, gosto muito de dançar e só que nesse dia específico a gente foi em quatro irmãos, duas irmãs e dois irmãos. Nesse dia, a gente meteu um look. Eram dois DJ's pretos tocando e nos pensamos que teriam uma cota de negão lá. Quando chegamos só tinham os dois DJ's de preto, e nos 4 de black power, os cabelos "penteado", as pessoas a nossa volta começaram a pedir pra abrir a roda porque os donos da festa tinham chego, pedindo para a gente dançar e justamente por isso a gente perdeu a vontade. A galera ficou nesse papo de exótico, tentando pegar no cabelo tentando pegar na roupa, várias violências. O tanto que estava sendo desrespeitoso aquele ambiente. Em outras festas pretas não acontece isso, você vê o nosso povo gosta de dançar, nós somos pretos em diáspora, em África o nosso povo dança quando alguém morre, dança quando alguém nasce, dança para agradecer a colheita, para agradecer a alimentação, dança para quase tudo, isso é nosso, nos tiraram da África, mas não vão tirar de dentro da gente essa conexão, nosso povo é muito musical.

O bloco da Pretinhosidade é isso, reconectar a população preta a sua conexão ancestral do tambor, o nosso corpo é uma extensão do tambor.

Nós nos apresentamos, tocamos em muitos terreiros de umbanda, de candomblé, sem cobrar cachê; em protestos, em eventos de arrecadação. Muitas pessoas pretas começam a se relacionar com religiões de matriz a partir desse contato. Isso acaba trazendo uma reeducação. Tem muita mãe de santo e pai de santo militante. Dentro do terreiro, quando pode, traz essas falas. E o começo de um letramento racial para muitas pessoas. Quando começamos a pesquisar o que é racismo no Brasil, o que é ser preto em Curitiba, é um posto de acolhimento. E de muita importância essas festas e que nasçam mais e mais.

Não é um local que não podem entrar brancos. Claro que você pode entrar, dance sua festa. Não estamos ali para ser professor de ninguém não, mas eu não aprendi a dançar desse jeito, está enraizado nos finais de semana em casa, no churrasco tem samba, já desde pequenininho vendo o samba acontecendo, desde pequenininho, tem um irmão, tem um irmão, tem um primo, tem alguém que que gosta de Black Music, você vê alguém mais velho tirando uma onda e começa a tirar junto uma onda junto. O negócio faz parte da nossa vivência enquanto pessoas pretas. Então muita gente fala que você nunca fez aula de dança. Vai dança, dance você com sua tropa, vê a galera dançando tenta imitar o passinho, mas não chega com desrespeito meter a mão no cabelo, a galera branca chega lá achando que está indo lá pra ver algo exótico, para ver os pretos dançando, pra tocar no povo. Sempre dá um estresse ou outro com alguém. Então acho que tudo está na base do respeito.

E entender a importância de um baile preto, ir curtir para fortalecer a produção que está lá, fazer o Black Money girar, né. Tanto pessoas pretas que estão pagando pra entrar, mas esse dinheiro também está sendo revertido para outras pessoas pretas que estão trabalhando no evento, as banda tocando, desde o garçom a segurança, vamos construindo esse mapeamento para que essas pessoas cresçam, pra gente se ver em todos os espaços. Estamos gerindo da melhor maneira possível espaço para ser um espaço de acolhimento.



"O nosso corpo é uma extensão do tambor"

Temos que construir agora, plantar agora para que as nossas crianças e adolescentes possam ter uma Curitiba melhor pra eles. Ao contrário do que falam por aí, tem preto em Curitiba sim. Somos a capital incrível mais preta do Sul, **somos o estado mais preto do Sul**. Se não dão nosso lugar de fala, não dão o nosso lugar por direito, a gente vai chegar chegando e vai conquistar esse espaço, não só pela gente, mas pelos nossos que já passaram e lutaram até aqui e pelos nossos que vão vir. Fácil não é.



Tem algum caso de violência policial que ficou muito marcado para você?

Aconteceu aqui dentro, na sede da Afro Pretinhosidade. Dou aula para o grupo Princesa do Ritmo, um grupo só de meninas da ONG Passos da Criança. Fiz uma aula diferente. Trouxe as crianças pra cá. Eu estava com 15 crianças tendo aula de percussão. A polícia veio correndo com a viatura, parou aqui na frente. Os policiais desceram, os dois com as armas na mão. Me marcou esse momento. Não havia necessidade. É um espaço que a gente já está há cinco anos, tocando percussão, os policiais que passam já sabem que trabalhamos com crianças, e de repente você entrar nesse espaço, olha o tamanho dessa porta? Você chega aqui e já vê que só tem criança e os policiais entram com as armas de punho. Elas ficaram super-assustadas. Tive que levantar. Ir pro diálogo.

- Não tem necessidade a arma e punho senhor. Só tem criança aqui dentro.
- A gente recebeu uma denúncia.
- Mas só tem criança aqui dentro e você vai entrar arma em punho, qual a necessidade? Está deixando todas elas apavoradas.
- Você é muito folgado, não tem que falar comigo.

Essa é uma situação de violência policial que não chegou em um extremo, a uma agressão, mas está para além de uma agressão física. As crianças vão lembrar da sala de percussão e vão lembrar do quê? Do momento que elas estavam tocando e que os policiais entraram com a arma nas mãos. Isso desarticula o trabalho da gente enquanto educador, mas dá mais força para não parar de ir pra cima do sistema.



Ponte da paz

É isso daí, é a situação que acontece aqui e direto aqui na ponte, quando os policiais vêm e jogam o usuário em cima da ponte, nunca jogaram o patrão. É a forma que tratam o pessoal aqui da **comunidade**.



Em 2022, foram registradas no Paraná 488 mortes em confrontos com policiais. Curitiba foi a cidade com maior número de mortes nesses confrontos com 121 registros de mortes ocasionadas pela PM. (Grupo de Atuação de Repressão ao Crime Organizado)

ANÔNIMO



A minha experiência com Curitiba é única. Antes, eu morava no litoral do Paraná, passei minha adolescência ali. Foi conhecer o racismo de verdade, senti-lo realmente na pele quando me mudei para Curitiba, em 2018. Se tivesse me preparado, entre aspas, para passar por essas experiências, entre aspas porque nunca sabemos o que vamos passar, se eu tivesse tido essa consciência que poderia passar por situações ligadas ao racismo, acho que teria evitado muitas coisas, teria batido de frente, tentado contornar.

Curitiba é a cidade em que passei mais tempo. Aqui comecei a me desenvolver como pessoa, como profissional, adquirir um pouco mais de pensamento crítico em relação a isso. Comecei a sentir o racismo nos primeiros meses que estive aqui. Você percebe os olhares diferentes, percebe pessoas atravessando as ruas, segurando forte a bolsa achando que vai ser roubada, simplesmente porque um cara preto está passando do lado dela.

A gente percebe a violência em várias atitudes. Em 2018, quando cheguei no condomínio em que morava, para entrar no prédio precisava passar pela porta que só o porteiro abre. Interfonei no apartamento próximo à meia-noite, não sei se não percebeu quem eu era, mas ele ficou com medo de mim, começou a perguntar em que apartamento morava. Eu já estava com medo de ficar ali na frente porque era região central e fiquei na frente do prédio com a rua vazia. Estava preocupado em ser assaltado. Depois de muita insistência, ele abriu essa porta para eu entrar no condomínio; na hora que se entra você comprimenta o porteiro e entra para o seu apartamento. No máximo, na hora em que estava indo para o elevador ele me segurou, não tocou em mim fisicamente, mas me impediu de entrar e perguntou que apartamento morava. Falei o número, que ele já me conhecia, mas respondeu que precisava confirmar se eu morava lá realmente, ou seja, perto da meia-noite interfonei para confirmar com o pessoal que morava comigo, para ver se eles autorizariam que entrasse no apartamento em que eu moro. Se não tivesse ninguém em casa, ou se eles estivessem dormindo, eu ficaria pra fora, simplesmente porque um cara preto quer entrar em apartamento que era considerado de classe média alta.

* Não posso dar certeza, mas penso que se fosse um homem branco no meu lugar não teria apanhado da forma que eu apanhei.

Não tive muitas experiências em outros estados, outras cidades, porque fiz breve passagem. Morei recentemente em São Paulo e não consegui enxergar e nem vivenciei situações ligadas ao racismo. Vejo São Paulo como uma capital muito diversa. Claro que acontecem, mas eu não passei por essas experiências. Acho que as cidades voltadas mais para o sul são mais racistas, no sentido de não suportar ver pessoas pretas frequentando lugares onde brancos estão. No Rio Grande do Sul, por exemplo, tenho família lá, percebo o racismo de longe. Eles te olham de cima abaixo, só falta pedirem seu RG quando se está caminhando na rua. Percebo que estão incomodados com a minha presença em qualquer lugar. No Rio Grande do Sul é bem complicado. Não sofri violência física lá, mas a gente percebe só de entrar em alguns lugares.

Não posso dar um panorama sobre as cidades em comparação a Curitiba. Estou aqui há cinco anos e já vivi de tudo, desde ser perseguido em um mercado a apanhar da Polícia Militar. Vejo que Curitiba é muito violenta nesse sentido, muito racista, essa cidade não aguenta e não suporta ver pessoas pretas ocupando lugares de destaque. Outra situação, que vivenciei com a Polícia Militar e que me marcou bastante - saindo da faculdade com meu namorado, que é preto também; às oito da noite, tínhamos acabado de sair de uma aula e estávamos indo embora. Quando chegamos na frente da farmácia, na esquina da faculdade, uma viatura da Polícia Militar passou por lá e quando nos viram entraram na rua, interceptaram a gente, desceram armados. Não era um revólver, era uma arma bem grande, cada um dos quatro policiais com uma. Mandaram a gente pôr a mão na cabeça. As pessoas que estavam na farmácia conseguiram ver a gente sendo abordados pela vitrine. Começaram a revistar nossas coisas. Em determinado momento, nos separaram e começaram um interrogatório. Perguntaram o que a gente estava fazendo lá, em um bairro de classe média alta, o que dois caras pretos estavam fazendo lá. Falei que estávamos na faculdade. Percebi que não preciso e não devo abaixar a cabeça para a Polícia Militar, que é uma instituição bastante racista. Perguntaram para o meu namorado que curso ele fazia e que curso eu fazia, depois que dei a resposta de que estávamos na faculdade. Ele respondeu os cursos e o policial veio até mim e fez a mesma pergunta. Nesse momento, nós não estávamos nos ouvindo. Queriam saber se as respostas eram as mesmas. Revistaram nossas coisas e um deles queria saber onde morávamos e estranhou a resposta de que era no Centro. Aconteceram mais algumas respostas ríspidas e depois nos liberaram dizendo que ainda bem que éramos "vagabundos inteligentes". Fiquei me perguntando o que era ser um "vagabundo inteligente".

Uma vez, estava gravando uma abordagem bem violenta e bem truculenta que uma pessoa estava sofrendo e na hora que o policial me viu gravando me deu um mata-leão e foi me arrastando pra dentro da delegacia. Ele rasgou a minha roupa, cravou a unha no meu peito, a marca ficou no meu corpo, não sei se ainda está, mas lembro que ficou. Foram presos o rapaz que estava sendo abordado, que também tinha levado um mata-leão, por isso comecei a gravar e uma amiga minha que também é preta, e que me viu apanhando, começou a gravar também e uma policial mulher foi pra cima dela.

Não posso dar certeza, mas penso que se fosse um homem branco no meu lugar não teria apanhado da forma que eu apanhei. Falei que era da imprensa, gritando, ele me sufocando e eu dizendo que tinha o direito de gravar respondeu que tinha o direito, mas que não deveria. Ficamos detidos por horas. Isso aconteceu às sete da noite e só fomos liberados às duas da manhã e com várias ameaças. Como tínhamos gravado as abordagens, eles tomavam nossos celulares. Logo depois devolviam e tomavam de novo. Em determinado momento, começaram a nos ameaçar de outras formas. Diziam que a gente ia se ferir se não deixássemos o que tinha acontecido de verdade pro delegado. Fizaram a gente apagar os vídeos na frente deles. Fomos coagidos, mentimos nos depoimentos, tivemos que acessar as lixeiras dos celulares para mostrar que os vídeos não tinham sido encaminhados para lá. Eles sabiam que estavam errados.

Uma vez presenciei um conhecido que estava em um grupo de cinco pessoas. Ele preto, com quatro pessoas brancas, todos fumando maconha no Centro de Curitiba. Eles foram abordados pela polícia, todos fumando. OK, se é de praxe, os cinco são abordados, revistados e todos eles são levados para delegacia. Mas não, só o menino preto foi levado no camburão pra delegacia. O que tinha de diferente essa pessoa que foi levada e os outros que estavam fumando? Isso só demonstra como a Polícia Militar é racista, não só a militar, mas a Guarda Municipal também é uma instituição completamente racista em Curitiba. A situação do Caio José que foi morto neste ano na Cidade Industrial com um tiro na cabeça, que a GM alega que foi um tiro acidental, mas aquilo ali não tem nada de acidental, foi uma execução, se percebe o quão violenta é a polícia aqui, parece que a guarda municipal quer se igualar a militar.

A Polícia Militar e a Guarda Municipal de Curitiba estão muito preocupadas com o uso das câmeras corporais acopladas às fardas, porque isso vai monitorar o trabalho deles e mostrar o quão racistas e violentos eles são, consequentemente, inibir as atitudes, fazer com que coloquem o pé no freio em relação às abordagens. Ou seja, vão efetuar menos prisões, entre outras demonstrar menos serviço, vão ter que mentir menos sobre os confrontos armados. Acho que em 70% dos casos que a Polícia Militar relata ter se envolvido em confronto armado com os suspeitos, eles só cansaram de correr atrás dele. O cara não atirou, ele não revidou contra a polícia, e resolveram atrair pra voltar mais cedo pro batalhão ou pra casa. A própria situação do Calo demonstra o quão desaprovado, por boa parte da corporação da GM, é o uso desse equipamento.

Caso o Guarda Municipal não consiga ligar a câmera durante a abordagem, consegue ligar para a central pelo rádio e solicitar que seja ligada. Tenho quase certeza que eles mesmos não quiseram ligar. Eram três policiais envolvidos, por que nenhum deles estava com a câmera ligada? Porque um dos guardas simplesmente pegou uma lâmina apreendida em outra abordagem e colocou do lado do corpo do Calo pra argumentar que o tiro foi dado em razão de uma reação de ataque, mas não foi isso que aconteceu, ele levou um tiro na cabeça de cima pra baixo, não tem outra explicação a não ser uma execução.

É mais uma situação que a GM, está muito violenta, a gente também tem o caso do Mateus Silva Noga em 2022, que foi morto comemorando a retirada da carteira de habilitação.

No meio de uma multidão, o guarda pegou uma espingarda que geralmente em meio de multidões é para se ter apenas bala de borracha e inclusive tem imagens que mostram ele trocando a munição de borracha pela letal e simplesmente atira em qualquer direção e atinge o Mateus, banalizando a vida das pessoas, **deu um tiro letal em um piá de 22 anos.**



"MINORIA"

No contexto de autodeclarados, em 2020, cerca de 56% da população brasileira se identificava como preta ou parda. Entre os anos de 2012 e 2021, o aumento de pessoas que se autodeclararam pretas foi em torno de 32% (IBGE).

Mesmo representando a maior parcela populacional do país, o termo minoria ainda é imposto às pessoas pretas. O palavra minoria é majoritariamente usada para se referir a grupos que apresentam menor número dentro a quantidade populacional, mas dependendo do país para também se referir quando esse conjunto de indivíduos estão expostos a desigualdades relacionadas à falta de retenção de representatividade nos espaços de poder e a falta de igualdade as oportunidades de forma equitativa.

Contraditoriamente à quantidade populacional de pessoas pretas e pardas, a atribuição de minoria é usada para ajudar a construir um meio de não pertencimento, no qual os indivíduos, não se reconhecendo presentes e atuantes em uma sociedade, sucumbem ou deixam de se expressar reivindicações e vontades individuais e coletivas.

Georgia Tais Xavier Prates

FOTOGRAFISTA, ATIVISTA SOCIAL, VEREADORA EM CURITIBA PELO PT



"... nós não somos minorias, a maior parte do país é negra, enquanto dizem para gente que somos minorias também estamos sendo separados do restante, é a maioria que foi estruturada a sociedade de agora, vamos acreditando que estamos em minoria, quando tivermos consciência de que não somos minoria, que isso influencia muito na política, na forma que as coisas estão postas, as coisas começam a mudar de figura."

Pode me contar sobre sua percepção do racismo em Curitiba?

São Paulo é diferente, as periferias são diferentes, falar de SP, RJ e Curitiba, as diferenças são muito grandes, muito óbvias, mas a violência policial e a forma que ela afeta às periferias é a mesma em todos os espaços. Ela busca esse corpo preto para matar, o objetivo não é prender ou obter justiça, é sempre para eliminar.

Venho de São Paulo, de um lugar periférico, que a violência policial é extremamente bruta, mais que Curitiba. Mas aqui também não deixa de ser violenta. Mesmo que agora não residir mais na periferia, estou sempre nela por conta de uma escolha minha, por conta do meu passado, da minha história e de quem eu sou. Consegui trabalhar minimamente tudo o que aprendi com meus pais e o que aprendi com a minha própria existência. Este lugar de ser uma ponte, de amplificar vozes que nunca foram escutadas. Por escolha, estou nesse lugar para observar mais. Essa realidade é violenta, sobretudo com os corpos pretos. Não tem questionamento. E Como se aqueles corpos não valessem nada, podem não valer pra sociedade em um todo, mas sempre tem uma mãe, um pai que chora, um irmão que sofre e essa violência é extremamente desmedida, é parte deste lugar.

Desde do momento em que eu existo, que me percebo como uma pessoa no mundo, começo esse trabalho de ativismo, entendendo que sou um corpo negro, periférico, lésbica. A partir daí já começo outra forma de me colocar no mundo e me entender nesse espaço. A câmera fotográfica vem como uma forma de contrapor as informações que tinham na época. Foi em 2016, o tempo que comecei a trabalhar mais nas ruas, a câmera era um escudo de defesa, foi um momento que as fake news começaram a aflorar realmente, inventavam histórias sobre o que eram as ocupações secundaristas e a câmera fotográfica me vem nesse lugar de saber que eu estava registrando todos os momentos e que nada do que estava sendo dito acontecia. Era uma defesa das pessoas que estavam nos movimentos, mas também dentro desses movimentos, de fazer esses registros pensando na defesa das pessoas, também tem esse lugar de proteger a própria imagem daquelas pessoas, defendê-la, não por estarem erradas, mas por serem elas mesmas.

O que a levou a optar por um mandato político? Foi a necessidade de lutar de outra forma?

Foi quando comecei a entender mesmo o que estava acontecendo, dessa polarização que estava começando se formar, presente também em Curitiba, ofendendo e machucando muitas pessoas, sobretudo jovens naqueles tempos. Era assustador saber que eles estavam muito empenhados em defender a educação, de se colocar contra a retirada das matérias das escolas, que são as matérias formadoras de pensamento crítico. Havia essa necessidade de defender a liberdade de pensamento. Tudo trouxe para mim um conteúdo gigante, ao mesmo tempo que dentro das escolas secundaristas eles traziam todas as pautas que haviam na sociedade. Quando se fazia uma ocupação, eles trabalhavam com as pessoas LGBTQIAP+, com negros e negras, mulheres, eles mesmos traziam debates pra dentro do espaço que ocupavam e também estavam entendendo que se precisava de uma dinâmica que contemplasse a todos dentro desse espaço. Nisso, vim trazendo para mim, nesse ambiente que estão todos os corpos e também está o meu corpo. Todas essas pautas impostas dessa maneira tão bonita, da forma que os jovens estavam manifestando na época. Eu também fui entendendo que aquela câmera era mais que um escudo, era uma denúncia, uma forma de defender, forma de amplificar, era muito, muito mais.

A vida foi me levando a esse caminho, mas não foi de forma inconsciente. Aos poucos, eu ia aprendendo muitas coisas. Tudo o que acontecia na minha frente era tudo o que me compunha também. Obviamente, com a vontade de lutar em prol daquilo era cada vez maior, todas as pautas que vi na periferia, a questão da fome, a falta de acesso a várias coisas, todas aquelas pautas eram minhas também. Me lembravam da minha mãe e dos meus irmãos. Cheguei um determinado momento em que não fazia mais sentido assistir as pessoas na luta e não estar junto delas o tempo todo. Acabei indo para todas as lutas possíveis, em todos os momentos possíveis. Me senti muito honrada em poder fazer parte disso o tempo todo. Entendo que as pessoas estão fazendo a parte delas, lutando, reivindicando, mas que também existe uma estrutura política que precisamos, nós que estamos ocupando esses espaços.

Existe um momento que começa a se tornar apenas dor mesmo. Você denuncia violência nos atos, na escola e não tem nenhuma contrapartida, não tem ninguém que venha e diga, "vamos olhar e entender isso". Me deparo com os jovens sendo assassinados nas favelas e começa a se tornar um lugar de dor. Estou denunciando tudo o que posso. Cheguei um momento que meu telefone se tornou praticamente público. As pessoas me chamavam para tudo, principalmente a questão de moradias, iam ocupar um terreno, fazer uma ação e me perguntavam se eu poderia ir. Chegava lá e registrava todo o terreno, via que estava abandonado. Dali alguns dias já está arrumado, limpo, com moradia. Tem criança, tem idoso, tem vida. Gostava de capturar essa história, mas também ia pela questão que a polícia poderia chegar lá batendo, violentando, sem perguntar nada, o que muitas vezes já aconteceu. Em outras situações, as pessoas já estavam no terreno e em algum tempo a polícia aparecia com uma ordem de despejo. Começavam a formar um cerco e as pessoas me ligavam. Enquanto estava indo para lá ligava para todo mundo, vereador X, deputado Y, todo mundo falava que ia, que mandaria alguém. Quando eu chegava lá não tinha ninguém. Era eu e a população, de fora apenas a minha esposa mesmo, que sempre me acompanhou em tudo.

Isso é uma coisa que me revolta muito. Depois de todo o acontecido as pessoas apareciam para fazer foto, para fazer vídeo, para mostrar indignação, mas aí os moradores já tinham perdido tudo. Cada um tinha ido pra um lado, muita coisa já tinha rolado. Chegou a um absurdo de que alguns vereadores diziam o que, quem estava sendo despejado, deveria fazer. Coisas que sabem que ia dar mídia. Eles mesmos não apareciam, mas eram os primeiros a postarem na rede. Nem eu que estava ali acompanhando tinha tempo de mandar pro jornal uma nota. Já tinham postado nas redes. É um completo absurdo. Eles não veem que aquelas são pessoas que realmente precisam de moradia, que realmente acreditam naquele ideal que eles estavam passando. Chegar ao ponto de ir parar em uma rua sem saída, que não tem para onde correr. Você vai lá e fala pra pessoa colocar uma barraca e uma lona que os caras não vão te tirar? Claro que não, eles vão vir, vão com toda a força e você não tem pra onde correr.

Embora sempre estivesse nos movimentos nunca disse faça isso ou faça aquilo, eles que me diziam vamos fazer isso, se eu achasse que aquilo, até por conhecimento por acompanhar tantas histórias, fosse perigoso dizia, olha não acho que esse é o caminho, mas a escolha não é minha, eu estaria ali de qualquer jeito, mesmo que soubesse que poderia dar merda, a autonomia é deles.

Tá tudo errado, sabe? As pessoas estão sofrendo, eu estou denunciando aqui há anos e as mesmas estão lá no poder e continuam não se importando nem um pouco. Não se movem para resolver e continuam usando isso para foto, vídeo, começou a virar dor só. Você está ali direto com as pessoas, vendo o quanto elas estão sofrendo a fome que estão sentindo. Durante a pandemia, isso ficou muito evidente pra mim, especialmente a fome que elas passavam. Então pensei que não deveria ficar apenas nesse lugar, de continuar apenas denunciando e entender o que é este outro lugar, de entrar na política e ver como funciona, se dá para fazer alguma coisa, se realmente é tão difícil.

Falta à periferia ocupar, as pessoas que realmente precisam estar lá, não ficar dependendo dos mesmo, que tem toda política, tem toda a pauta, tem todo debate, mas não tem nenhuma ação, porque sabem que dependem de tudo isso para continuar ocupando seu cargo. Isso é o que mais dói você vai em uma periferia e vê uma mãe raquitica, que visivelmente está deixando de comer para alimentar o filho e você vai fazer o quê? Continuar como se isso fosse apenas um debate? Não é um debate, são vidas, de diversas formas, diversas idades e necessidades, fico pensando que eu tenho meus sonhos, mas essas pessoas também têm, domingo querem chegar em casa e ter o que dar para o filho sem ter que se matar o dia inteiro catando palão ou levando os filhos junto, pra conseguir tirar dez reais. É surreal, claro que essas pessoas têm um sonho, e as vezes é o sonho do básico mesmo.

Se existissem políticas públicas reais e que fossem voltadas para essas pessoas talvez elas sofressem menos.

Qual a principal estrutura de violência contra os corpos pretos? Você enxerga alguma forma de amenizar isso? Visto que ainda que se coloca a população negra como "minoría" em um país majoritariamente formado por pessoas pretas e pardas.

São as policiais, são as várias policiais, vejo aqui da câmara outro lugar que a violência existe. Vejo outras demandas que são pertinentes à polícia, como pessoas que estão atuando na rua. Se a gente não resolve esses problemas, infelizmente são indivíduos que são super mal pagos, que trabalham pra caramba, não justifique nada, principalmente qualquer forma de violência, mas que acabam não tendo psicólogo para atuar nesse lugar. São pessoas que precisam pagar as contas, que têm filhos, são necessidades, que o trabalho que é perigoso, não contempla. Olhando hoje para a Guarda Municipal tenho um pouco mais de cuidado, não com respeito com toda essa violência que acontece na periferia, não se justifica, mas tem muitas coisas que precisam ser observadas. São pessoas que trabalham muitas horas e precisam muitas vezes fazer bicos em outros lugares para ter o suficiente para pagar as contas, até o vale alimentação deles e surreal, está tudo bagunçado.

As pessoas não veem as pessoas pretas na cidade, porque ninguém faz questão de inserir. Tem o Bosque do Alemão, tem parque polonês, não tem nada africano. É como se a gente não existisse. A cidade tem muito medo disso e o medo faz com que essas reproduções do preconceito sejam muito fortes. A gente não pertence à cidade como um todo, não tem essa raiz cultural na cidade. Uma das questões pra resolver é inserir mesmo os pretos na cidade, mostrar para população que Curitiba também é nossa, talvez seja esse um caminho.

Outro são esses moldes que se usa dentro das escolas, o que se tira de aprendizado, o que não se tira dos currículos, a maneira e quem aplica, fora essa violência aos estudantes de não terem liberdade para poder escolher como querem se vestir, como querem se portar, o que querem ser. As pessoas pretas estão sofrendo muito. Falando de uma coisa bem básica, você tem que cortar o cabelo pra colocar aquele chapéu agora. A pessoa já perde metade da sua identidade fazendo isso e ainda é forçado a fazer isso. Esse desespero para militarizar 400 escolas, essa pressa dá até margem para a gente pensar que isso seja plano, apenas para chegar nesse lugar.

A narrativa crescente da existência de um "racismo reverso", atrelada a uma onda conservadora e nazificada está relacionada com o espaço, que finalmente as pessoas pretas começaram a ocupar?

Sempre existiu muito disso, povos acharem que são mais do que outros, que merecem mais que outros, isso na história da humanidade está muito registrado, acho que quem só não fez esse massacre com outros povos foram os os e os povos originários, em todos esses espaços acabamos não tendo esse enfrentamento porque nos fomos massacrados mesmo, por não nos enxergarmos como maiores e superiores, mas iguais.

Estamos conseguindo chegar em determinados espaços e ter alguns debates, entrar em algum espaços, mas ainda buscamos literalmente o direito de existir, e isso obviamente, automaticamente incomoda o outro lado, que sempre vai achar que é superior. A gente não tem como lidar com o ego deles. Só queremos nossa vida para viver, temos uma história para refazer, nossas coisas para rebuscar. Por um lado, estamos começando a nos juntar mais e entender que fazemos parte desse lugar e precisamos nos movimentar, falar com nossos, nos encontrar.

Talvez a Guarda Municipal também seja isso, olhar lá dentro e falar o que está errado, vamos mudar, não pode ser um treinamento tão violento. Quando essa polícia foi criada, era para ela ser amiga do povo e acabou se tornando mais um modelo de PM que se torna limpeza das periferias. Não que a periferia queira ter um Inimigo. Ela não quer ter e também precisa de um sistema de policiamento e segurança que funcione, mas acaba sendo apenas mais um violentador. Isso que Curitiba não tem esse espaço periférico tão grande, é desproporcional a forma que se age no Batel, comparado com o CIC, Tatuquara.

Começa daí, nós não somos minorias, a maior parte do país é negra, enquanto dizem para gente que somos minorias também estamos sendo separados do restante, é a maneira que foi estruturada a sociedade de agora, vamos acreditando que estamos em minoria, quando tivermos consciência de que não somos minoria, que isso influencia muito na política, na forma que as coisas estão postas, as coisas começam a mudar de figura. Desde o golpe da Dilma, vem se fortalecendo essa estrutura de violência, esse armar a GM, a forma que a PM atua, a própria militarização das coisas não é boa, é extremamente violenta, extremamente separatista, excludente, e a maior armada do estado sob os corpos perifericos, pretos, LGBTQIA+.

Atuando diretamente na linha de frente das manifestações, como você enxerga essa precarização do ensino?

Existiram muitas formas e tentativas de desqualificar a educação e formar apenas pessoas para trabalhar como mão de obra. Em 2016, esse pauta foi muito levantada. É uma forma de precarizar para chegar em um momento que se pode dizer que esse modelo não funciona e resolvem estabelecer em outro formato, mas não veem o quanto as crianças e os jovens estão sofrendo com isso tudo. É um sistema totalmente absurdo, quer-se um ensino militar tem uma escola específica para isso, uma escolha, mas tirar a liberdade das pessoas já é insano.

As pessoas precisam de muito diálogo. Algumas pessoas realmente não são racistas, mas foram ensinadas dessa forma. Falta diálogo, entendimento, saberem o que significa esse discussão racial. Mas outras pessoas não. São o que são, mesmo já tendo contato com esse discurso, sempre vai ter esse contraponto, sempre vão existir pessoas que se colocam como superiores. Acho que essa é a fraqueza, justamente por saberem que não são, é mais fraqueza do que força.

A gente está conseguindo dialogar mais, se juntar mais. O trabalho maior que a população negra e indígena tem pra fazer é resgatar a cultura, resgatar identidade, conquistar espaços que foram negados. Estamos muito empenhados em contrapor, em fazer tudo o que sempre tivemos capacidade de fazer e nos foi negado. Se fossemos o povo violento que dizem que a gente é, esse mundo já estava virado. Mas nossos povos nunca foram de violência, sempre estiveram muito ligados a terra, a natureza, aos animais, à vida. Isso é o que nos fez mal também. As pessoas acham que a riqueza é conquistar, ter um monte de coisas. Pra gente não é isso, sabe, é mais estar bem você mesmo estar em paz, ter sua conexão com os animais, com a terra. Na vida isso é riqueza, na mesma medida sabemos que vamos estar sempre incompletos, cada vez menos vamos ter isso, cada vez menos temos a possibilidade de resgatar esse lugar.

A nossa história só vai até uma parte quando se olha para trás. Eu, por exemplo, sou Xavier Prates. Meu Xavier até onde pude estudar, veio de uma família escravista; e Prates veio de outra, meus antepassados eram escravizados pelos Prates, depois foram vendidos para os Xavier. Na história do meu nome, sempre vou carregar isso, até em respeito pelo sofrimento de todos os meus ancestrais, por pessoas que pensam e agem assim. Claro que nenhum de nós quer sentir mágoa e ódio, mas é claro que acontece por tudo que nos foi negado, nos foi tirado, as pessoas foram estupidadas, violentadas, acobardadas, obrigadas a trabalhar de uma maneira totalmente desumana. Acho que agora o que a gente quer é o que estamos conseguindo fazer e olhar uns para os outros e lidar com amor, com tudo aquilo que ficou para essas gerações de agora e acho que isso deve realmente fazer um grande incomodo.

Dentro do que foi e é a história se tivesse que olhar pra trás veria que tudo o que eu tenho, tudo o que é minha família hoje foi tirada da vida de alguém, foi usurpada da vida de alguém com muita violência, sei que quando olho para os meus ancestrais sei que todos eles lutaram muito para sobreviver, fossem trabalhando que nem loucos, seja nunca se rebelando, seja se rebelando e fugindo, todos eles lutaram para viver, da forma que era possível, mas tenho certeza que nenhum deles violentou, tirou, matou, então a gente pode dizer que podemos deitar com a cabeça tranquila no travesseiro, nós sabemos qual é a nossa raiz e ela não é má.

A questão é que você pessoa branca precisa se olhar, se rever, saber como realmente foi a história, não se trata de culpa, é responsabilidade por tudo que você é hoje, tudo que teve possibilidade de ter e fazer e saber que você também é responsável por aquele que não pode, não to falando troca de lugar, sai dessa sua vida, de tudo o que você tem, não é nada disso, seja responsável, se possível abra uma porta o resto a gente faz, o resto a gente sempre vai fazer, seja alguém que compartilhe, que partilha ou deixe o outro viver em paz.

É ter o mínimo de letramento racial, a pessoa tem ou não tem.

Como fotôjornalista, que acompanhou muitos casos de denúncia, de violência, tem algum caso de violência policial que você tenha sofrido ou presenciado que possa e queira me contar?

Presenciar [violência policial], mesmo, foram diversas, foram muitas violências. De jovens que foram mortos, de ver mães sendo violentadas após isso, de ver o filho morto, de querer ver o filho morto, situações bem fortes. Não gosto nem de lembrar. São mães que estão sofrendo até hoje. São famílias inteiras que nunca mais vão ter nada do que tinham daquele jovem, já vi muita coisa na periferia.

Comigo, especialmente, foram muitos momentos, por estar na rua trabalhando, por ser um corpo preto, são várias situações. Até aprendi e não coloco mais o visor da câmera no olho quando estiver na rua trabalhando. Uso a tela da câmera mesmo, uma vez estava tirando uma foto e focando no policial, estava esperando ele atirar pra tirar a foto e não percebi que ele estava mirando em mim. Minha esposa viu e me jogou pro lado. Era um ato sobre racismo. Só tinha eu e mais outro menino preto na rua, e os policiais só estavam mirando nele e em mim, nele e em mim.

Sempre aconteceu de algum policial vir e começar a gritar comigo, por achar que eu não estou no lugar certo, mesmo eu falando que estava trabalhando pro jornal, querendo me puxar para sair e precisar vir alguém branco pra pedir pra ele parar e eu estava usando o crachá no peito que nem outro cara que passou do meu lado.

Uma vez estava eu e uma jornalista branca na rua e alguns policiais me cercaram. Ela ficou de fora. Pediram pra eu abrir a mochila e ela começou a gritar dizendo que aquilo era racismo, que a mochila dela era maior que a minha, porque não ela e eu sim e evidentemente aquilo não estava ajudando. As pessoas começaram a juntar pra ver o que estava acontecendo e eu em um bolo de policiais. Num primeiro momento, comecei a tirar o que tinha da mochila, ate um deles pegar e jogar tudo no chão. Minha câmera, minha lente. Outro segurou minha mão e ficou segurando meu braço para trás, como se tivesse alguma coisa que eu pudesse fazer. Ela do lado de fora gritando. Foi uma violência bem difícil, bem traumatizante. No final, tive que me abaixar, juntar todas as minhas coisas. Se alguém abrisse já dava para ver que não tinha nada eu equipamento fica organizado e tiveram que jogar tudo. Tive que ficar quieta porque val que eles colocam alguma coisa ali dentro. Fiquei assustada.

Por ter visto muitas coisas, tenho muito medo. Medo de dirigir meu próprio carro. Por sorte, minha esposa sempre me acompanhou em tudo, mas tem horas que tenho medo de pegar meu carro e ir pra alguma favela fazer algum trabalho. Muitas vezes, ela acaba dirigindo, mas tenho medo de pegar meu carro meia-noite, de ser parada e que isso seja o suficiente para eu morrer na mão da polícia.

Por ter visto muitas coisas, tenho muito medo. Medo de dirigir meu próprio carro. Por sorte, minha esposa sempre me acompanhou em tudo, mas tem horas que tenho medo de pegar meu carro e ir pra alguma favela fazer algum trabalho. Muitas vezes, ela acaba dirigindo, mas tenho medo de pegar meu carro meia-noite, de ser parada e que isso seja o suficiente para eu morrer na mão da polícia.

Tenho todos os documentos para provar que sou jornalista. Peguei todos os documentos possíveis que podem provar que sou uma profissional, mas morro de medo de atender uma ocorrência. Esses dias fui atender uma demanda que chegou aqui na câmara de fiscalização na UPA do Boa Vista. Não é nem so a violência policial é da qualquer um que se sinte no direito. Cheguei lá. Foram eu e mais duas meninas pretinhas. Expliquei que era vereadora, que estava ali para fazer uma fiscalização. Me orientaram e esperar um pouco para alguém me acompanhar. Não sai do lugar. Fiquei ali esperando. Chegou uma menina branca, chefe da coordenação da enfermagem, chegou e falou quem é a... não conseguia falar vereadora. Então eu falei "vereadora?". Três pretas ali paradas, disse que era eu e comecei a explicar o que ia fazer, até ela me falar para me retirar dali se não iria chamar o segurança para me arrastar para fora. Não entendi o motivo dela estar me tratando assim. Estava ali trabalhando, e ela repetiu a frase umas quatro vezes, só mudando o arrastar. Enfim, falei para ligar para algum cargo superior ao dela e pedir para explicar o que significa um vereador estar em uma UPA. "Você te dar essa chance" falei, não estava nem conseguindo acreditar que estava falando comigo daquela forma. Foi, liguei e voltou pedindo desculpas, com muitas justificativas, tive que endurecer porque realmente precisava ver o que tinha ido lá para fazer. Ela dizendo que ia chamar o segurança para me arrastar para fora? Dei um cartão de apresentação meu para ela.

Eu sou preta, ela era branca, esse era o direito que sentia que tinha sobre mim.

DESMILITARIZAÇÃO

O apoio público à ditadura e a ditadores tomou proporções no Brasil por anos em uma sequência de golpes, crimes e incentivos políticos. Quase como ciclo vicioso em marchas por "deus pátria e família", clamando a ditadura militar e com o apoio direto e claro ao nazismo, reencendem o discurso fascista que a história já nos contou mais de uma vez para onde se direciona uma sociedade que parece a este.

A polícia não está livre de ser sujeita a politização que visa discriminar e exterminar indivíduos em conjuntos específicos, com mais especificidade: pretos, indígenas e residentes de áreas periféricas.

No Paraná, em 2017, as mortes decorrentes de intervenção policial foram de oito causadas pela Polícia Civil e de 220 causadas pela PM, em ações fora do serviço foram registrados 39 casos, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019).

Enquanto o número de policiais civis mortos em confronto é de seis e da polícia militar de quatro mortos. Em 2018, a polícia civil foi responsável por 13 mortes, a militar por 283 e em ambas foram responsáveis por 24 mortes em ações fora do serviço.

Ainda segundo o Anuário, relativo aos números de letalidade movimentados principalmente pela Polícia Militar, vale expor que o número de suicídios entre a PM é maior que o número de profissionais mortos em serviço, em 2017 o número é de seis suicídios e em 2018 de oito. A imersão em um sistema policial violento também retorna aos profissionais que atuam dentro da corporação direcionando sua atuação aos princípios que cabem em seu juramento.

Entre os anos de 2017 a 2018 a porcentagem de mortes ocasionadas ao contato com a polícia correspondia a 24,4% entre pessoas brancas, enquanto a morte de pessoas negras atingia os 75,4%.

Em 2022, Curitiba foi a cidade que mais registrou vítimas em confrontos com agentes de segurança, com 121 mortes. No mesmo ano, o total de mortes que foram registradas e relacionadas diretamente a confronto com as polícias chega a 488, segundo o Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (GAECO).

É impossível dissociar o crescimento de ondas conservadoras e fascistas do avanço da militarização e a um embate direto ao crescimento da ocupação pelas diversidades em diferentes espaços de poder, vistos por séculos como excludentes e exclusivamente brancos.

No Brasil, o número de células nazistas entre os anos de 2015 e 2022 foi de 72 grupos para 1.116. Curitiba ocupa o terceiro lugar entre as cidades com o maior número de células, com cinquenta grupos identificados. (Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil, 2022)

Um sistema de militarização permeia um meio onde as policiais se tornam a principal força de poder, é inegável diante da história que constrói-se uma sociedade assombrada pela violência, privação, tortura e manipulação dos fatos da realidade.

DESMILITARIZAÇÃO

Renato Freitas

ATIVISTA, ADVOGADO PELA UFPR, DEPUTADO ESTADUAL PELO PT, EX-LÍDER ESTUDANTIL



O processo é a desmilitarização das escolas, da sociedade como um todo e a discussão sobre essa busca por essa soberania europeia, nossas cidades são brasileiras, carregam a cultura brasileira - ela não é só econômica, não está apenas nas instituições, a cultura também forma um país. Essa expressão do neocolonialismo é uma ameaça ao Brasil, sem ela o neofascismo não sobreviveria.

Como foi e é sua realidade enquanto pessoa negra em Curitiba?

Desde criança fui racilizado. Morei em um lugar, Piraquara, Vila Macedo, que apesar de ser de periferia, tem maioria da população branca e sempre fui apontado pelo fato de ser negro. Eu destoava das demais pessoas, na escola, nos ambientes. Meu cabelo também sempre chamou muita atenção, por isso sempre estava careca. Tive um padrao que me obrigava a cortar o cabelo. Me conectei precocemente com o rap. Nasci e fui criado junto dele, no início dos anos 90 quando começaram a se popularizar os Racionais, o Holocausto Urbano, em 93 Rato X do Brasil, Câmbio Negro. Todos tinham um discurso racial muito forte e fui criando minha negritude, que é uma consciência de si, de ser negro. Isso me deu possibilidades de sobreviver em ambientes hostis e racistas.

Quando tive que vir para Curitiba, eu senti mais. Foi um choque, aqui foi muito mais violento. Foi morar no Boa Vista, um bairro popular, não era uma favela, mas eu morava em uma casa muito simples de madeira. Foi estudar no novo Colégio Estadual João Paulo. Lá briguel com um menino no recreio por motivo de racismo. "Plidas". Foi expulso do colégio então fui para o Colégio Estadual Leônido Correia, no Bacacheri. Foi uma realidade muito mais difícil, lá existiam grupos neonazistas, jovens que pintavam suásticas, não sei se eles compreendiam exatamente o que estavam fazendo, mas faziam. Quando entrei, fiquei espantado e perguntei para os alunos se era normal isso no colégio, logo tive que sair na porrada com eles e no outro dia eles estavam em um grupo maior e de novo tive que me defender. Até que percebi que eles eram um grupo organizado que oprimia com o colégio e contavam com o silêncio com a cumplicidade da grande maioria dos alunos. Ninguém achava um grande problema. Logo fui aprender muay thai, algo que faço até hoje e que me deu oportunidade de enfrentar essas pessoas à altura. Como formavam um grupo muito grande, eu e meu amigo, negro também, compramos uma arma na época. Conquistamos um respeito na região e de algum modo intimidamos esses grupos. Graças a Deus, depois de um tempo, nos nos livramos dessa arma, mas o muay thai nunca parou.

Enquanto eu estudava, era empacotador de mercado. Trabalhava das 14 às 22 horas e estudava de manhã. No ambiente de trabalho também existia muito racismo, mas era um tipo de racismo que eu já tinha me acostumado, o da Invisibilidade da pessoa negra, ainda mais em uma posição subalterna, então não me atingia muito. Esse foi um momento da adolescência. O primeiro momento de crise foi entrar na cidade, o segundo foi de acesso à cidade, ao Centro, onde tem uma biblioteca, onde o dinheiro circula, onde tem entretenimento, lazer, parques, bosques, as pessoas. Esse foi um outro grande desafio. As forças de segurança pública sempre enquadraram, agrediram, bateram, injuriaram. Foi difícil, fui preso por desacato por muitas vezes.

Quando acessal a universidade, ela me lançou outras luzes sobre essa realidade. Canetizou melhor minha revolta e acabei me vinculando ao PT inicialmente, depois ao PSOL. No PSOL fui candidato em 2016. Nesse período, duas coisas me eram negativas. Primeiro, a gente sempre morou de aluguel, por isso morei em tantos lugares, mais de 20 casas. É ruim, porque nunca criei raízes. Não tinha vizinhança, essa coisa do colegio. Só que quando me candidatei, isso foi algo que me fortaleceu. Como tinha passado em muitos lugares, conhecia muitas pessoas. O segundo ponto foi esse racismo que sempre sofri na cidade, eu e meus amigos, sobretudo da polícia. Quando me candidatei, sofri uma violência policial, que não foi muito diferente das tantas outras que já vinha sofrendo. Meu primeiro boletim de ocorrência é de 2004, por desacato. Fui preso em 2016, 12 anos depois. Entre esses anos, existiram vários casos, não era nenhuma novidade. O diferencial era que nesse momento havia uma mídia, que eu não conhecia, conheci apenas naquele momento. O Guarda Municipal não acreditou que a cartelinha do OAB era verdadeira, uma série de agressões. Quando sai da delegacia, a mídia estava lá, a independentemente principalmente a Mídia Ninja naquele momento e isso me fortaleceu. Muitas pessoas viram, compreenderam e não aceitaram essa ação policial. Tive a oportunidade que meu testemunho chegasse a outras pessoas. A partir disso, muitas das violências, não todas, porque todas é muita coisa, porque sofri muita violência depois disso também. Mas algumas delas, sobretudo nos anos eleitorais, vieram à tona. Elas ganhavam uma qualificação, outra conotação, por isso elas eram veiculadas. Aquelas que estavam fora desse período continuaram passando invisíveis.



Hoje, eu luto contra o racismo na Assembleia Legislativa do Paraná e enfrento o racismo da assembleia também. Enfrentei na Câmara Municipal. Recentemente, um deputado falou que eu ouvia funk, que sou maconheiro, drogado, incapaz, estereótipos racistas para não ter que enfrentar meus argumentos. Atacou a minha pessoa porque sabe que sou mais frágil que meus argumentos, não que eu seja frágil, mas os estereótipos racistas ficam impregnados com mais facilidade. "Ome ban, ele tem cara de bandido." Em cada lugar que passei sofri uma experimentação do racismo. Na universidade, fui enquadrado pelas seguranças. Quando entrei, os veteranos fizeram um retrato falado com meu rosto, uma "brincadeira".

A sua candidatura foi planejada ou foi uma necessidade?

Nunca planejei nada. As coisas só aconteceram. Sempre tive uma necessidade de lutar contra tudo que me violentou, me diminuiu, eu e meus iguais, e eu fui lutando. A minha luta me trouxe aqui, por acidente quase. Às vezes, a violência na assembleia me faz deixar de falar, de rebater, para manter a sobriedade, manter a saúde mental. Tudo o que eles querem é que você altere sua voz, que você fique agressivo, para apontarem: "Olha lá, não fale!"

Existe um caminho para combater a crescente do neonazismo?

O neonazismo está muito vinculado a duas coisas: uma reivindicação de identidade europeia, alemã sobretudo; e a militarização. Essas duas coisas não estão presentes na sociedade civil, exclusivamente ou majoritariamente. Estão vinculadas à militarização e à Polícia Militar, às principais lideranças desse tipo de agrupamento, policiais na ativa, ex-policiais. Se você investigar muitos grupos aqui de Curitiba, vai perceber que o nacionalismo, nazismo, radicalismo estão presentes. São neles que essa visão racista, xenofóbica, homofóbica, está presente. Eles estão em seus clubes e não são incomodados porque têm muitos policiais. Reclamam vários crimes sobre essas organizações, mas elas não são punidas, funcionando à luz do dia. Não é um fenômeno obscuro.

O processo é a desmilitarização, das escolas, da sociedade como um todo e a discussão sobre essa busca por essa soberania europeia. Nossas cidades são brasileiras, carregam a cultura brasileira, qualquer coisa além disso é um ataque direto à soberania do país. Ela não é só econômica, não está apenas nas instituições, a cultura também forma um país. Essa expressão do neocolonialismo é uma ameaça ao Brasil, sem ela o neonazismo não sobreviveria.

Poderia me contar um dos casos de violência policial que sofreu?

Esse caso foi em 2004. Tinha acabado de entrar na faculdade, no curso de Ciências Sociais. Estava super feliz, já tinha enfrentado um caso de racismo no cursinho. Me seguraram na escada na frente das outras pessoas, ficaram pedindo meus documentos, super constrangedor. As meninas dizendo que não deviam a bolsa no intervalo da aula por causa disso. Abandonel o cursinho, estudei sozinho e passei no vestibular. Quando entrei na faculdade, o guardinha também foi me seguindo pelo prédio até o citavo andar. Meu curso era no nono. Me enquadrrou, pediu para ver meus documentos, falou que tinham denúncias de que estavam roubando os computadores da faculdade.

Superei isso, mas logo nos meus primeiros meses de aula estava lá com meu livrinho na mochila, no Terminal do Cabral, esperando o (ônibus) Santa Cândida - Capão Raso, quando um policial que estava na banca, nem estava a serviço, veio me encarando. Só consegui olhar para frente. Não deu outra, chegou gritando para eu por a mão na cabeça, me enquadrrou, de tarde, com o terminal bombardeado. "Fá vindo de onde, tá indo pra onde?" Jogou todas as minhas coisas no chão, que eram um caderno, um livro, um lapis. Não gostei, mas preferi não falar nada. Me deu uma geral e falou para eu tirar o tênis. Tirei, não tinha nada. "Tira a palmilha e bate". Tirei, bati, não tinha nada. "Tira a meia", todo mundo em volta olhando. Quando tirei, cheirei a minha meia. Não sei exatamente por quê, talvez para mostrar que ele não estava conseguindo o que queria, que era me humilhar.

Nisso ele me deu um tapão no rosto, cai de lado me segurando nos ferros da plataforma. Ele me pegou pelo braço, me algemou e me prendeu por desacato. Ficou escrito no boletim de ocorrência que desacatei ele porque cheirei a mela. Não tinha vltura, porque ele não estava nem trabalhando. Liguei para pedir uma e me deixou algemado na plataforma quase meia hora. Chegou a viatura com outro policial. No meio do caminho, eles pararam em uma ruazinha, abriram a parte de trás do carro e acabaram comigo. Fecharam, me levaram para o terceiro distrito, assinei um boletim de ocorrência, sai.

Lembro como se fosse ontem, mas vai fazer 20 anos.



Rei Seely

REFUGIADO HAITIANO HÁ 10 ANOS NO BRASIL. FORMADO EM LETRAS E FILOSOFIA, MESTRE EM DIREITOS HUMANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS. DOUTORANDO NA UFPR EM EDUCAÇÃO, POETA E ESCRITOR.



...nos é negado o pertencimento a esse país. Nós precisamos de leis que punam o racismo devidamente, não quero dinheiro, não quero que três mil reais comprem minha dignidade, precisa ser tratado como um crime sem fiança, onde essas pessoas sejam realmente tratados como criminosos.

“

Faz dez anos que estou em Curitiba, quando cheguei aqui vi outra realidade, comecei a sentir o que era o racismo, o que era o preconceito. Em 2014, antes da Copa do Mundo, muitos haitianos vieram para cá. Todo mundo se referia a nós. A imprensa falou mal de nós. Recentemente, o presidente nos tratou como escória do mundo, um mal entendimento completo sobre o nosso povo. O Haiti é o segundo país latino americano a ser independente. É a paixão da liberdade, dos direitos humanos, por isso que o país sofreu esse desrespeito internacional. A França falava sobre liberdade, igualdade e fraternidade no mundo e tinha colônias. A língua do meu país poderia ser só crioulo, mas a hipocrisia da necessidade de dominação dos outros países se inseriu em nossos territórios. Se olharmos para lugares que dizem ser menos avançados, vemos apenas igrejas apaziguando as pessoas de sua cultura e consciência originária. Falta a possibilidade de fazer ciência, de diminuir a divisão social. Sinto dificuldades e injustiças do abandono.

O Brasil é um país racista, Curitiba é racista. A minha filha de 4 anos sofre racismo aqui. Aconteceu o caso do colega de turma que quebrou o braço dela, cuspiu no seu rosto e quantas pessoas vieram atrás de nós para que algo fosse feito sobre esse caso? Ninguém. O sistema é hipócrita. Esse comportamento perverso de ver o negro como um objeto político. Não sou um objeto político. Eu tenho um corpo natural. Mas o estado fecha sobre nós. O Estado está matando minha filha.

Vejo as pessoas fazendo projetos para os imigrantes. Lembro que na semana do imigrante me chamaram para participar. Era uma grande ONG, dizendo que pagariam muito bem. Mas eu não quero o dinheiro, ele não alivia as mazelas mentais. O que eu quero é justiça. Nos entramos com a promotoria, mas nada foi feito até agora não sei se deveria estudar Direito para dar justiça a minha filha. Ninguém está pela minha filha. Quando falo do Estado, estou me referindo aos pilares políticos, a escola, a polícia e a sociedade em geral, que não intercedeu por ela. Queriam me pôr na cadeia. Se eu não fosse uma pessoa com a minha educação, nessa situação acabaria preso mesmo.

Como eu e a minha filha podemos viver essa narrativa diariamente se ninguém está por nós? Como podemos educar as crianças sobre racismo? Dizer "olha você é negra, ela é branca", então existe o racismo, não faz sentido. Quando falei com a pedagoga e com a diretora da escola e elas disseram que não sabiam de nada, a pessoa que está educando não deveria educar? Mas não sabe nada de diversidade, de cultura. O que elas deveriam pensar naquele momento é o que devemos fazer nesse caso.

Como falar com a minha filha sobre o racismo. Ela sempre vem um pouco suja de areia e às vezes reclama que não tem amigos. Ela chorou quando disse que ela não precisa de amigos. Eu como pai estou vendo que ela vai precisar ter uma vida de solidão, a coloco para estudar literatura, escrever e fazer pintura, mas ela não gosta. Agora que a mudel de escola, vejo que acontece um acolhimento, os colegas interagem. Onde ela sofreu as agressões, os alunos nem a cumprimentavam. Ela gosta de comprar coisas caras, porque já existe uma narrativa sobre o negro aqui. A sociologia linguística popular aqui é negativa e eu não quero que isso se repita na frente dela. Gostaria de protegê-la para sempre.

Esse caso me mostrou a negritude aqui na cidade. A pessoa negra que foi criada dentro desse sistema é racista também, comete vários comportamentos racistas que ela sequer sabe que está replicando. Não é só a burguesia e o pobre, os negros têm uma classe, o imigrante tem uma classe, os negros imigrantes são totalmente diferentes dos negros africanos. Um pensamento selectivo leva à exclusão. Quantos imigrantes haitianos em Curitiba têm um bom emprego? Nós gostamos de viver, mas não temos espaços para a nossa vida.

Sou colocado como um modelo de sucesso pelo sistema, mas isso é mentira, é criado uma filtragem me tornando um agente de manipulação, fazendo com que outros haitianos me vejam como exemplo a ser seguido. Podemos por exemplo a pessoa que sai da favela e consegue morar em um bairro chique e esquece da favela,? Como posso ter sucesso se meus iguais sofrem por situações que agora posso fingir que não existem? Esquecer do passado para criar o futuro faz com que construa uma nova figura da realidade.

Não tem uma comunidade brasileira que vai acolher você. Não há uma entidade destinada ao negro. Deveria haver um órgão responsável por esse acolhimento. O branco não tem olhar sobre nós. Foi em São Paulo e vi chamarem uma pessoa negra com um algum tipo de deficiência mental de "haitiano". A língua é uma forma de violência e de oprimir também.

Não são só políticas públicas que nós queremos, é acolhimento. Podemos ver o caso do Renato Freitas. Entre as pessoas que conheço e estão na política, só por ele tenho estima. Foi uma pessoa que entendi bem a ontologia. Eu e minha esposa pensamos em ir embora, ainda não sabemos para onde. Não me sinto brasileiro. Há um abandono. O sistema não nos quer. Existem muitas pessoas que vêm atrás de mim para publicar esse material, mas na hora que digo o que penso, deixam pra lá. Isso é uma questão que transcende os ideais políticos, mas é a falta de humanização.

Você pode enxergar muito no rap a visualidade dos negros, grana, glamur, roupas caras, carros, que só assim somos aceitos. Não que eles queiram usar isso. O sistema vende essa como a única forma de sucesso que podemos ter. No Haiti, isso não significa nada. Sucesso para mim é você ter paz interna. Não está no pensamento material. Tenho sucesso aqui no Brasil por uma conquista de várias lutas, mas não sou feliz vendo minha filha passando por tudo o que passou. Quero que quando me olhem, vejam a ela também.

As pessoas costumam me chamar de haitiano como se fosse um palavrão. Elas são mais hipócritas do que acolhedoras. Quando se fecha os olhos sobre a injustiça e sobre o discurso humanitário, há uma batalha perdida.

O que eu mais sinto falta do Haiti é a consciência de classe. Aqui o pobre não sabe que é pobre, a classe média não sabe que é classe média. Você pode ver nas últimas eleições quantas pessoas votaram nele. Esse quadro é um espaço para entender a sociologia no país, negros escolhendo uma pessoa que reflete o do ao nosso e a outros povos. Nós largamos tudo em nosso país para buscarmos outra realidade e nos é negado o pertencimento a esse país.

Nós precisamos de leis que punam o racismo devidamente. Não quero dinheiro, não quero que três mil reais comprem minha dignidade. O racismo precisa ser tratado como um crime sem fiança, e que essas pessoas sejam realmente tratadas como criminosas.

Cobram a mim que eu faça algo pelos imigrantes, que lute contra um sistema inteiro que torna o negro subalterno. O sistema cria uma filtragem, mesmo que alguém esteja dormindo na rua, e um ser humano, não precisa ser filtrado. Nosso prefeito é nosso espelho estatal, a partir dele se cria um modelo de conduta na cidade.

Pense no exemplo que se quando minha filha sofreu racismo e disse que não queria mais ir à escola, eu tivesse deixado. E se com 18 anos ela se tornasse uma criminoso, sendo que a escola nega ela.

De quem é a culpa? Esse sistema cria a filtragem e depois mata.



A criação de ambientes exclusivamente brancos percorrem diversas sociedades em diversos períodos, temos o Apartheid na África do Sul que segregou as pessoas não brancas, no caso das pessoas negras a intensificação das desigualdades eram maiores, eram obrigados a residir em áreas próprias, com serviços básicos e essenciais precários, com o acesso a educação defasado, objetivando transformação esse recorte população exclusivamente a trabalhadores braçais. Temos a América do Norte, com leis anti miscigenação e espaços exclusivos para brancos, dentre as medidas mais brandas

Em 1837 a Lei nº 1, de 14 de janeiro proibiu formalmente a escravos e a pretos africanos, mesmo libertos, a estudar. Essa é uma diferença temporal menor a duzentos anos. Mesmos libertos para estudar a desigualdade no meio educacional brasileiro é inegável.

No ano de 2015, 43% dos estudantes que frequentavam o ensino superior público ou privado no Brasil eram negros, enquanto 55,4% eram brancos, em 2022, 47,1% dos estudantes do ensino superior eram negros ou pardos (IBGE). Numeros que destoam da quantidade total populacional correspondente a cor e raça no país, não representa o ideal, mas ainda sim se mostra um cenário melhor do que dos anos anteriores, em 2001 os frequentadores eram 76,8% brancos porém, quando olhamos para o número de indivíduos com o ensino superior completo a realidade excludente continua acentuada: em 2017 apenas 32% das pessoas pretas tinham o ensino superior completo, enquanto 86% eram brancas. Entre os indivíduos com 15 anos ou mais, cerca de 72,5% dos jovens analfabetos eram pretos ou pardos no ano de 2022.

ELITISMO

João Eduardo

JORNALISTA ESPORTIVO



"o que gerou um maior estranhamento foi ser um espaço tão branco e tão elitista quanto no colégio que fiz o curso, percebi que era muito segregado, era perceptível o pessoal que vinha do sistema de cotas e quem vinha da ampla concorrência, um mesmo falar que não fora semana do teste porque não podia ficar gastando o dinheiro da passagem quando não tinha aula, enquanto tinha uma galera que gastava duzentos reais de café da tarde."

Como foi a sua percepção de ser uma pessoa negra em Curitiba?

Sempre morei na região metropolitana, mas sempre vivenciei Curitiba. Demorei a descobrir que era negro. Sou de uma família classe média baixa, em determinados momentos classe média; nunca passei nenhuma necessidade. Sabemos que existe uma desigualdade muito grande na nossa sociedade e no nosso país, mas não vivenciei isso dentro de casa. Minha família é composta por pessoas atuantes na área da saúde e concursados do Estado. Sempre tivemos uma estabilidade financeira.

Hoje em dia, racionalizando, percebo que quando estudava em uma escola particular só tinha eu de criança negra. Quando viajava de avião, só tinha eu de criança negra. Vendo esse recorte, percebo que estava cercado de pessoas brancas nos meus relacionamentos. Nunca tinha beijado outra pessoa negra, porque haviam poucas no meu ambiente social. Meu choque de realidade foi quando tinha mais ou menos 15 anos. Em um grupo de seis amigos, um deles disse que tinha saído para pichar e que era divertido. Adolescentes, enfim, resolvemos sair para pichar depois do treino do futebol. Acho que nem cheguei a ter coragem, mas estava andando junto e a polícia parou a gente. Os policiais deram uma geral, colocaram todo mundo na parede. Dois irmãos fizeram pladinhos com os PMs e eles levaram super de boa. Até que chegou em mim e eles foram muito mais violentos. Pegaram meu celular, me mandaram desbloquear, mexeram nas minhas coisas, perguntaram se a gente tinha drogas, insinuando que se tivesse alguma coisa errado seria eu o culpado. Isso não tinha acontecido com nenhum dos outros meninos. Foi ali que comecei a perceber que era tratado diferente por ser negro. Comecei a perceber que o tratamento da polícia e que outras situações eram diferentes pelo simples fato de não ter a cor mais comum de estar nesses locais.

Aconteceu algum choque de realidade quando você entrou na faculdade?

Não houve tanto um choque, já vivia uma realidade de estar em espaços bem brancos, quando fui fazer cursinho pra entrar na faculdade, em eventos com amigos que meus familiares faziam. Então não foi um choque, foi mais uma decepção. Esperava uma realidade diferente do que já tinha vivido. Na escola pública, eu tinha professores negros, achei que em uma universidade pública haveria essa representatividade também. Quando entrei na UFPR o que gerou um maior estranhamento foi ser um espaço tão branco e tão elitista quanto no colégio em que fiz cursinho. Percebi que era muito segregado. Era perceptível o pessoal que vinha do sistema de cotas e quem vinha da ampla concorrência; um menino falar que não foi na semana do trote porque não podia ficar gastando o dinheiro da passagem... Enquanto isso, tinha uma galera que gastava 200 reais de café da tarde, iam e voltavam pra faculdade com carro de aplicativo. Imagine, gastar 50-60 reais por dia pra ir para aula; havia pessoas que ganhavam seus próprios carros. Era perceptível essa diferença dos grupos. Isso me chamou muita atenção, mas o fato de ter professores negros acabou sendo normalizado, esse espaço nunca foi ocupado mesmo então por que seria agora? Essas pessoas infelizmente nunca estiveram lá.

Voltando de uma viagem universitária, precisava entregar um trabalho na manhã seguinte. Chegamos às quatro horas da manhã e para não precisar voltar para a minha casa na região metropolitana e ir para a faculdade cedo, só para entregar o trabalho, fui dormir na casa de um amigo, que morava em um apartamento de classe alta. Meu amigo avisou o porteiro que um amigo dele ia aparecer lá, mas quando cheguei o funcionário não queria me liberar. Supostamente, porque não tinha os meus dados. Pedi para interfonar, ele perguntou o nome do bloco, e eu não sabia o bloco. Sabia o nome completo do meu amigo, mas ele só iria interfonar com o bloco e apartamento.

Houve um período em que eu não abaixava a cabeça pra polícia e minha namorada ficava muito incomodada pelo medo de acontecer alguma coisa comigo. Estamos juntos há quase oito anos. Se demoro pra responder, não é por ciúme que me manda outras mensagens, é medo por não saber se estou bem. Se saio com meus amigos depois do trabalho, sempre pede pra mandar mensagens avisando quando chegar, quando estiver saindo, para saber que não aconteceu nada nesse meio de caminho. Sempre pedi para não reagir nas abordagens. Ela diz que não quer me perder porque respondi grosso a um policial.

Como aconteceu o caso de violência que sofreu indo fazer o vestibular de Jornalismo?

Geralmente, no domingo os ônibus são mais demorados. Minha mãe sempre pedia para me levar, mas eu gostava de ficar sozinho, ir escutando música, estudando, gostava de fazer esse ritual. Tive oportunidades que a minha mãe não teve. Ela trabalhava em dois empregos, demorou para se formar, estudar em dois turnos. Ela me pressionava para que entregasse algo bom, ou seja, passar na melhor faculdade que tinha na cidade, não ligava muito disso porque sabia que minha família tinha feito muito por mim. Não passei na primeira tentativa então refiz o cursinho e fui muito mais confiante para a prova.

O ônibus que passava "em cima" da minha casa era mais rápido. Então, passei no mercado, comprei água, suco e duas barrinhas. Estava caminhando para o ponto, guardando as coisas na mochila, colocando meu fone de ouvido e vi que tinha um pouco de trânsito na rua. Quando olhei para frente, vi um carro parado, com dois policiais olhando na minha direção. Achei estranho, mas continuei andando em direção ao ponto, estavam mais pessoas lá. Coloquei minha mochila nas costas e não deu outra, eles saíram do carro, me abordaram, jogaram minha mochila no chão, gritaram para que colocasse a mão na cabeça, me empurraram no muro e perguntaram de onde estava vindo.

Eu não sabia o que fazer. Nisso, o porteiro falava comigo com o vidro fechado comigo. Eram quatro da manhã e não tinha bateria no meu celular para fazer uma ligação. Pedi se poderia pôr meu celular para carregar. Ele deu risada e disse que não ia abaixar o vidro pra mim. Sabia bem o que estava acontecendo ali, fui para o carro e deixei meu celular carregando no usb do carro. Demorou meia hora pra conseguir ligar e falar com meu amigo e ele interfonar para me liberar. O porteiro agiu como se nada tivesse acontecido, mas eu senti muita raiva. Sabia que ali era só a ponta do iceberg. Ele não trabalha vendo pessoas negras, há um sistema estruturado. Você engole mais um caso, escolhe as batalhas que quer lutar e vai pra faculdade pensando que vai se formar e ajudar a fazer um realidade diferente. Eu queria ter esse lugar de fala, ser conhecido, o clichê de aguentar agora calado para ocupar um lugar maior no futuro, para fazer uma diferença.

Quando começou a trabalhar no jornalismo esportivo, existiram momentos de estranhamento?

Jornalismo não é uma área que se ganha um salário altíssimo, mas é um trabalho que te coloca em lugares muitas vezes movimentados. Uma partida de futebol movimentada muitas pessoas com dinheiro. Mesmo que você esteja ali ganhando pouco, todo mundo ao redor tem muito dinheiro. Trabalhei em um site pequeno, sem receber nada mais pela experiência. No meu primeiro jogo, meu cracha ainda não estava pronto. Era no estádio do Coxa, trabalhávamos na cabine de imprensa, que era de um lado e a sala de coletiva era do outro lado do gramado. Então trabalhei, fechei minha crônica. Depois de uns dez minutos, estava atravessando o campo, mas o segurança não me deixou passar porque estava sem cracha. Expliquei que estava trabalhando e indo para a coletiva. Ele insistiu que não, sendo que tinha passado outro jornalista um pouco na minha frente, que não precisou mostrar nenhuma identificação. Me disse que já o conhecia de outros lugares.

Falei que do mercado, perguntaram para onde estava indo, falei que estava indo fazer prova, começaram a gritar dizendo que não sabia sequer mentir, quem fazia prova no domingo. Disse que era um vestibular da segunda fase da UFPR. Nisso abriram minha mochila e acharam o troco da água e da bala. Eu tinha 30 reais. Expliquei que minha mãe tinha dado para ir no mercado. Nisso falaram que tinha acontecido um assalto e iam me levar pra delegacia. Comecei a argumentar que não podia, precisava fazer a prova. Questionaram se eu estava reagindo. Estava muito perto de casa. Nesse tempo que os policiais ficaram comigo, passou uma das minhas vizinhas e foi falar com eles, porque estavam ignorando tudo o que eu falava. Começaram a dizer pra ela que aconteceu um assalto e a descrição era um moleque preto com uma bolsa, isso que passaram pra eles. Ela começou a dizer que eu morava ali na rua, fazia karatê com o marido dela, jogava bola com seus filhos. Eles insistiram que tinham de me levar pra delegacia.

- Por que ele precisa ir para a delegacia se não tem motivo nenhum?
- Se não tem motivo, não tem por que negar a ir.
- Não posso ir, não posso perder a prova.

Nesse meio tempo, chegou o ônibus. A vizinha parou e ficou encostada na porta do ônibus, para que o veículo não saísse e continuou conversando com os policiais. Continuaram insistindo em me levar, com aquele papo de que se não devia nada. Foram se acumulando pessoas ao redor, os passageiros e o motorista querendo que o ônibus andasse, como chegou muita gente, me liberaram por causa dessa pressão social. Em momento nenhum me ouviram. Eles não tinham nada e iam me levar pra facilitar o trabalho. Quando me liberaram, juntei minhas coisas e entrei com todo mundo me olhando. A vizinha veio conversando comigo. Quando descemos no terminal, cada um foi pegar outra conexão. Encontrei uma menina com quem fiz amizade no aulão do cursinho.

Ela me perguntou se eu estava meio triste e quando comecei a contar não consegui parar de chorar. Ela também é negra e começou a chorar comigo. Fomos fazer a prova chorando. Depois de contar, fiquei mais calmo e ela completamente transtornada, mudamos de assunto. Chegamos muito antes para fazer a prova, confundi o horário da prova com a do Enem, que tinha acontecido na semana anterior. Fui na farmácia comprar mais uma água e sentamos em uma árvore ali no campus, pensando que não ia deixar esse acontecimento me afetar durante a prova.

Terminei a prova e sai andando para o ponto. Percebi que estava muito assustado, escutava barulho de carro e olhava para trás, achando que era a polícia. Voltei para casa muito assustado mesmo, passei um bom tempo assustado e com medo da polícia de verdade. Percebi que era um cara ou coroa e sua vida poderia mudar completamente. Se não fosse a minha vizinha, eu poderia não ter feito a prova que me fez entrar em uma faculdade. A Federal não ia me dar uma segunda chance de fazer o vestibular. Fui muito bem na primeira fase e tudo seria jogado fora.

Quando cheguei em casa e contei para a minha família, houve duas reações. Meu tio, meu avô e minha mãe estavam em casa. Ela começou a chorar e a pedir desculpa por não ter me levado, não era culpa dela, entrei no modo automático e não voltei pra casa, não mandei mensagem, os dois não demonstraram reação e foi ali que percebi que isso já aconteceu com eles, que isso acontece todo os dias. Foi ali que fiquei com raiva de verdade. A gente nunca fez nada para ter passado por isso. Não fui o sorteado, fui só mais um. Dentro da minha casa aquilo já tinha acontecido com pessoas maravilhosas, admiráveis. Meu avô foi a melhor pessoa que conheci na minha vida, ajudava a todos, me tratou com muito amor. Nunca conheci meu pai, mas meu avô foi meu pai. Se eu vivi uma coisa assim, com ele deve ter acontecido coisas muito piores. Ainda tinha falado "que bom que aconteceu comigo", porque ainda consegui contornar, por ter tido cabeça fria, mas ali percebi que não fui a exceção, que aquilo era regra, que aquilo poderia acontecer novamente, poderia acontecer com as pessoas que amo. Às vezes, me pego sozinho pensando se quero ter um filho, mais uma menina ou menino negro que vou ter que me preocupar se vai sofrer uma violência policial e passar o que passei ou ainda pior.

Fiquei com dificuldade de escrever por um tempo. Chegou um ponto em que comecei a falar e a escrever abertamente sobre isso. Naquele momento já entendia que existia o racismo, mas comecei a perceber que a regra era acontecer com todo mundo e não um caso isolado. Fiquei por muito tempo com medo da polícia. Um dia, meu tio me contou das abordagens que passou; meu avô me contou quando a polícia fez ele descer do ônibus, porque estavam procurando alguém e quando viram que não eram ele, só o deixaram ali. Ele teve que andar quilômetros a pé. As histórias compartilhadas foram me machucando muito voltando da prova ainda estava com a visão de que foi uma vez que aconteceu, pensando só no meu caso, essa troca de experiências me deu outro choque, outro medo.

Às vezes, você fica sem esperança, às vezes simplesmente só dói, percebe que você é nada se um policial escolhe fazer seu julgamento ali na hora pode simplesmente deixar de existir.



Segundo os microdados do Censo de Educação Superior, em 2022 apenas 48% das faculdades tinham em seu corpo docente pelo menos 20% de profissionais negros e pardos. Menos de 3% das instituições de ensino superior brasileiras têm o número de professores negros que transparece a distribuição racial da sua região. Sigo com um exemplo de vivência pessoal: no campus de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná levaram 60 anos para que a primeira professora negra fosse contratada.

IDENTIFICAÇÃO

Juliana Barbosa

PROFESSORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS, DOUTORA E PÓS-DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM



"Um desses dias que aos poucos as coisas vão mudando, que não precisa ter briga, não, precisa ter briga, isso foi culturalmente e historicamente construído por muito tempo e está cristalizado não dá para esperar mais 300 anos para a história mudar. Precisamos discutir, denunciar e isto precisa estar na pauta de vários lugares, mesmo que digam 'de novo isso?'. Sim, para nós negros é todo dia isso, não é de novo isso é o tempo todo."

Como é a sua percepção do racismo no Brasil e em Curitiba?

Desde o processo do tráfico transatlântico para a escravização, há um processo de desumanização muito forte. As pessoas têm que se desligar da sua família, do seu nome, das suas crenças, de seus costumes, de sua terra, de seu país enquanto nação. É um processo de violência dupla, do acorrentamento e de outra violência que é hereditária e simbólica. Por mais que a escravidão tenha acabado, esse vés persistiu. Quando os povos africanos são trazidos ao Brasil dessa forma, é atribuído ao povo negro uma série de estereótipos negativos, uma ideologia de inferiorização que a partir do momento que a escravidão acaba, por uma questão muito mais econômica, pelo próprio capitalismo, querendo girar. O sistema escravocrata não funciona mais para esse modelo econômico. Os corpos pretos se veem livres desse açoitado da senzala, mas ele continua preso na miséria, subjugado e essa visão é o que estabelece muitas das coisas que acontecem ainda hoje. São 300 anos construindo essa imagem amplamente negativa do povo negro. Temos mais de cem anos do fim desse regime, mas ele não acabou com as outras violências. Sai-se da escravidão, mas não se ganha a cidadania. Para mim, a percepção do racismo está na forma como as pessoas são vistas e tratadas socialmente, inclusive pela polícia.

A situação que as pessoas negras vivem no pós-Abolição é de não terem um meio para ascender socialmente, nunca tiveram acesso a nada, não se tem herança. Os negros produziram uma riqueza e nunca tiveram acesso a ela. O fato dessas pessoas não ocuparem lugares de poder na sociedade, acaba sendo atribuído à falta de capacidade. Quando começamos a ocupar certos lugares, há um absoluto estranhamento; quando estou dentro da universidade estou blindada. Minha chegada foi comemorada de certa forma. Muitos alunos vieram falar comigo; foi uma surpresa para mim.

Mas quando saio daqui, o primeiro apartamento em que morei, por exemplo, em uma saída para caminhar, uma família me parou para pedir informações. A primeira coisa que me perguntaram era se eu trabalhava lá. Falei que era um prédio residencial e que morava ali. Como é um bairro considerado bom, quando olham uma pessoa negra, a única posição que imaginam que posso estar é trabalhando e não morando. No segundo prédio em que morei, logo nos primeiros dias perguntaram se estava ali fazendo faxina; outro dia, saindo de um shopping no Batel, o motorista do carro de aplicativo me perguntou se eu "estava parando". Não entendi na hora o que ele quis dizer. Perguntei de novo e resumidamente ele queria saber se eu estava saindo do trabalho. Estando naquele lugar, eu deveria estar apenas trabalhando e não consumindo. O engraçado é que na maioria dos lugares em que vou para me divertir ou para consumir, as pessoas sempre acham que fui só para trabalhar. Essa história tem relação absoluta com o olhar que a sociedade lança sobre as pessoas negras, porque historicamente nosso povo não teve como ocupar determinados lugares. Por uma questão histórica, quando chegamos vamos causando todos esses estranhamentos.

Como você conheceu a realidade da violência policial?

Lembro do meu pai falando que sabia que eu gostava dele, mas que se não fosse policial talvez gostasse mais ainda. Demorei muito para entender essa fala. Só quando entrei na universidade e comecei a compreender a questão da polícia, entendi o que ele tinha me dito. Meu pai tem uma visão crítica sobre essa questão, tanto que trabalhava em um setor criminalístico porque não gostava de atuar nas abordagens.

Lembro que os policiais que o visitavam tinham na ponta da língua coisas ditas em tom de brincadeira, totalmente racistas. Então era um tal de "o preto parado é suspeito e correndo é ladrão". Essa frase é altamente reveladora de um pensamento que faz com que esse tipo de abordagem de tratamento aconteça. Meu pai tem resquícios de traumas causados pelo trabalho. Lembro de quando ele assistiu ao filme Tropa de elite, entrou em uma crise. Imagino as coisas que o trabalho fez ele passar, sendo negro, com um pensamento progressista, com todo um posicionamento crítico do sistema no qual está inserido.

O primeiro olhar que se lança às pessoas negras é o desumanizado, sem pensar na família, no que ela é, o que leva a essas abordagens abruptas, violentas, inadequadas. Acho que estou usando até adjetivos leves para falar sobre isso, porque é algo absolutamente inaceitável. Não conseguimos virar a chave desse processo histórico tão rapidamente.

Essa desconstrução precisa estar na educação, mas precisa estar na mídia, no cotidiano, nas leis, em todos os tipos de abordagens. Não dá para esperar a gente educar uma criança hoje, para esperar nossa realidade mudar daqui 20 ou 30 anos. Tem muita gente morrendo, não dá para esperar tudo isso. Ouvi esses dias que aos poucos as coisas vão mudando, que não precisa ter briga. Não, precisa ter briga. Isso foi culturalmente e historicamente construído por muito tempo e está cristalizado. Não dá para esperar mais 300 anos para a história mudar.

Precisamos discutir, denunciar e isto precisa estar na pauta de vários lugares, mesmo que digam "de novo isso?" Sim, para nós negros é todo dia isso, não é de novo isso é o tempo todo. Salvo de dentro da universidade onde todos me conhecem e sei que esse tipo de abordagem de estranhamento está presente todos os dias em todos os lugares. Minha amiga não deixa o filho dela sair de boné, sair sem documento, sair em determinado horário. Esse tipo de sensação de que nossa presença em determinados lugares vai gerar um incômodo, faz com que comecemos a agir meio que no automático. E quando pessoas negras que conheço dizem que isso não as abala, quando estavam diante dessa situação de racismo se abalaram muito mais. Até entendo quem diz que com elas não é assim. É uma forma de blindagem, porque é muito doloroso ter de conviver com isso. Então, é melhor fingir que não existe.

As pessoas estão buscando ter um letramento racial e começam a entender a complexidade da questão, que não se trata de gostar ou não de pessoas pretas, de ter amigos ou não ter amigos pretos. Trata-se de uma questão estrutural, por isso é tão difícil eliminar esse tipo de violência. Ela está enraizada.

Na nossa linguagem, o cabelo crespo, cacheado, recebeu uma denominação de cabelo ruim e fez com que várias gerações quisessem simplesmente se livrar do que é ruim. Ele precisa ser combatido em todas as frentes para que a gente tenha uma realidade em que as pessoas sejam respeitadas de maneira igualitária.

Seu pai ser policial interferiu de que forma na relação de vocês?

Eu, enquanto criança, admirava ele sair para defender as pessoas. Achava bonito ele saindo em uma farda, eu tinha essa visão. Quando entrei na universidade, bastante jovem, aos 17 anos, em meio aos debates na universidade, ficava difícil enxergar o que eles diziam sobre a polícia diante da imagem que eu tinha do meu pai. Para mim, ficou difícil essa situação. Foi entendendo quando falamos de polícia, não estamos falando daquele policial necessariamente, estamos falando de um sistema muito maior. Foi separando um pouco as coisas, meu pai é um funcionário concursado. Logo depois que me formei, trabalhava como funcionária da prefeitura e teve um prefeito cassado. Entrei na mesma crise que meu pai: eu estava trabalhando para uma pessoa que agia errado.

O que me deu uma clareza para essas questões, foi uma fala do Carlos Drummond de Andrade. Perguntaram para ele como foi trabalhar para a ditadura e ele disse que nunca trabalhou para a ditadura, mas trabalhou sob a ditadura. Ele era funcionário público durante esse período e isso me deu uma clareza sobre a situação que eu vivia na época. Era uma servidora pública que tinha deveres ali dentro, que tinha minha postura ética e isso não garantia que o prefeito tivesse a mesma conduta que eu. Isso me fez entender também a situação do meu pai, que era um cara trabalhador, sustentava a família com isso e vivia seus dilemas éticos também. Mas foi uma crise quando comeci a enxergar a situação de maneira crítica, tendo um policial dentro de casa, um homem que eu amava, o cara que me sustentou, me criou. Foi entendendo que ele é um trabalhador dentro de um sistema cruel, racista e excludente.

Você se enxerga como uma referência na sala de aula?

A questão racial é tratada nas minhas aulas. Sempre faço temas transversais sobre as técnicas de relações públicas. Tenho tratado muito sobre relações públicas e diversidade desde 2014, abordando sempre a questão racial dentro das outras temáticas das diversidades. Mas isso também me atravessa em outras situações na sala de aula. Alunos e alunas vêm até mim dizendo que querem fazer um trabalho de conclusão de curso sobre uma temática que envolve as questões das pessoas negras. Sei que a minha presença ali abre mais caminhos para que esses alunos pesquisem o que eles querem e encontrem alguém para orientar esse trabalho, pela questão do lugar de fala adequado para pensar junto com aquele estudante.

Da forma com que eu fui recepcionada na UFPR, a forma como as coisas foram chegando até mim, entendi que esse era um lugar que querendo ou não eu ocupo e com consciência desse lugar que ocupo tenho muito cuidado com isso, no sentido de ter muito respeito com as questões que chegam até mim, desde pedidos de TCC, até questões de como as pessoas se sentem por estarem aqui.

Faço questão de falar para que não me coloquem em um lugar idealizado, porque como é importante para eles me verem aqui é muito importante para mim vê-los aqui. Sou professora há 20 anos. Os últimos cinco anos são muito diferentes dos anteriores. Para mim, eles também têm esse papel. Não é só de cá para lá, também é de lá para cá. Tenho a preocupação de dizer a esses alunos negros de que eles vão passar por bastante perrengue, vão cansar, mas se for preciso parem, descansem, só não desistam porque precisamos ocupar os lugares, então venham. Sabendo desse lugar que ocupo, tenho esse papel e faço isso com muito prazer de trazer junto. Que fiquem aqui, permaneçam, tranquem a faculdade por um semestre, reprovem, qualquer coisa, só não desistam.

Nós chegamos até aqui e vamos juntos. Procuro ouvir muito para entender essa realidade. Entrei na faculdade há 30 anos. Não deduzo que sei o que eles sentem, procuro ouvi-los para pensar a universidade para esse público. Chamar pro baile é inclusão, é chamar para dançar, não adianta chamar para o baile e deixá-las ali, à mercê.

ESTIGMA

A estrutura do racismo constitui as pessoas pretas uma realidade que as torna deprecadoras de sua própria existência, a partir do momento em que se retira todas as características de humanização de um indivíduo e o é obrigado a adquirir a caracterização de outro povo retira também a sua capacidade de reconhecer sua ancestralidade e realidade como digna e pertencente ao entorno social que o cerca.

Não se consiste em uma simples repercussão de "pladas" isoladas, se consiste em um sistema muito bem estabelecido que atinge tudo o que constrói um indivíduo da estética: seja do cabelo, seja ao quanto retinta é ou deixa de ser sua pele, as formas roupas que manifestam as diferentes culturas de ser negro e seus próprios traços físicos, onde se pressiona adquirir um padrão racial europeizado aos estigma de criminalidade e violência, onde são diretamente relacionadas a maior propensão de cometer crimes e apresentam perigo eminente - essa estereotipação sempre me lembra "Nos dão armas e drogas, e nos perguntam por que somos bandidos e por que nós atiramos." (Choice, Favela Vive 3, 2019), um dos principais pilares da violência policial é estabelecer e disseminar esse estigma como verdade e justificava para atirarem primeiro.

Luiz Geraldo Santos

PROFESSOR DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. DOUTOR EM HISTÓRIA SOCIAL.



"Um estigma só tem eficácia quando incorporado por aqueles que são estigmatizados, é que portanto introduzem o sinal de inferioridade humana, a sua própria construção como pessoa."

Tem uma teoria que trabalho muito com meus orientando diz respeito da escravidão a partir desse processo de introdução de pessoas estrangeiras em uma determinada sociedade diferente. No caso do Brasil é um processo muito mais complicado como em quase todas as sociedades coloniais, uma vez que a população originária não foi a que incorporou os escravizados, ela mesma foi escravizada, então a população adventista, ou seja uma população distinta, que vão ser incorporados pelos colonizadores como escravos, a peculiaridade desse processo no Brasil, é essa questão da ascendência europeia dos captores e a ascendência africana nos capturados, isso cria uma diferenciação importante quando a gente observa a formação de uma sociedade escravista formada a partir de estrangeiros, por exemplo no mundo antigo em Roma, haviam incorporação de estrangeiros, mas os estrangeiros não eram diferentes, do ponto de vista fenotípico, daqueles que os incorporaram. Existe portanto a condição "comum" de escravidão, existe a condição comum de estrangeiros que são incorporados como escravos outra característica comum, mas existe essa particularidade que os capturados que são incorporados não tem as mesmas características fenotípicas dos seus captores.

Essa dimensão diz respeito a essa profunda marginalização em que o incorporado é descrito nessa sociedade nova, em um primeiro momento quando esses capturados são inseridos, no caso meus antepassados, eles chegam destituídos de qualquer traço de identidade, eles chegam em um limbo social, eles não tem uma função, eles não tem um nome, não tem portanto um nicho específico que os integram e os torne úteis a sociedade incorporadora e tudo isso passa a ser agregado à medida que ele começa a fazer parte de um determinado grupo de senhores e é designado a uma determinada tarefa onde esse sujeito é colocado, na produção de tabaco, pecuária, das minas, seja o que for.

Essa pessoa de acordo com a legislação cristã precisa ser batizada, então essa pessoa recebe um nome de batismo, um nome diferente do que ela tinha antes. Portanto, existe um processo de ressocialização e incorporação formal a essa sociedade. Essa pessoa começa a ganhar determinadas prerrogativas, como constituir um pecúlio, de modo que consiga obter uma alforria um dia, o direito de não sofrer castigos corporais excessivos. Portanto, você tem o início de uma perda dessa situação limbo, uma acrescentamento de uma determinada identidade, e uma relativa perda da marginalidade. Esse processo começa com os primeiros escravos que chegam aqui no Brasil. Falo desse processo mais vasto, desconsiderando os Estados Unidos ou a Jamaica.. A medida em que o processo de redução de marginalização avança, nota-se também como diferentes estruturas históricas e vínculos parentais de longo prazo vão também adquirindo um status diferente em relação àquela primeira entrada como escravo, destituída de qualquer identidade. Filhos ou netos dessa primeira pessoa já têm um status diferentes, têm uma maior capacidade de conseguir mobilizar recursos para se adquirir prestígio, riqueza material, de modo de rumar para uma situação de status legal, por exemplo, à condição de liberto e seus filhos nascem a partir dali livres, sem nenhuma relação com o cativo.

No entanto, segundo essa teoria, esse vínculo nunca se perde. Por um lado, a sociedade escravista deixa marcas a longo prazo, mesmo onde foram superadas esse tipo de estrutura; por outro lado, existe essa particularidade das sociedades americanas, que incorporaram os escravos africanos, que têm características fenotípicas diferentes de seus captores. Isso gera uma marca distintiva ou um sinal, à qual se associa um conjunto de estereótipos, através de uma dinâmica de estigmas: burro, preguiçoso. Esses estigmas fazem muitas vezes que os grupos que estão situados nessa condição de marginalidade patinem com muita frequência, porque esses estigmas, uma vez difundidos socialmente falando, passam não apenas a ter uma eficácia, na perspectiva de quem os utiliza, na condição de querer impedir a redução da marginalidade desses indivíduos. Ele é incorporado pelos capturados. Um estigma só tem eficácia quando incorporado por aqueles que são estigmatizados, e que portanto introduzem o sinal de inferioridade humana, à sua própria construção como pessoa.

Mesmo quando a sociedade estabeleça determinados padrões de igualdade, por exemplo quando se constitui como sociedade democrática, como aconteceu no período do Império do Brasil, existe um descompasso entre o avanço da estrutura jurídica e a constante marcação de passo das relações sociais. Elas são lentas, caminham lentamente, enquanto os campos jurídicos avançam. Um conjunto de instrumentos que se transformam em instituições que teoricamente estariam aqui para defender os marginalizados, no entanto nada disso se verifica, porque os mecanismos ocultos ou invisíveis a esse sistema baseado na igualdade social, são mais fortes justamente por serem ocultos ou invisíveis se tornam mais difíceis de serem identificados e atacados, excluídos do convívio social. Então eles se ramificam, fazendo com que o processo de diminuição da marginalidade se torne algo extremamente difícil. Ao mesmo tempo, existe um processo de retroalimentação desses estigmas, também por esses meios invisíveis, mas que possuem uma eficácia enorme. Dentre elas, a voz interior que foi construída nos escravizados. Outros e novos aspectos são introduzidos no âmbito das sociedades democráticas. Essa questão da desigualdade do ponto de vista racial implica que, uma vez reconfigurada a sociedade e extinta a escravidão, outros mecanismos são incorporados à sociedade, em sentido de preservar as diferenças de status que existiam. Portanto, esses estigmas continuam sendo propagados por ondas que, às vezes, diminuem, às vezes se agigantam, no sentido de retroagir a determinada configuração de minar os direitos sociais. Foi que aconteceu agora no governo Bolsonaro, situação que independentemente desse governo existe o tempo todo. Aquí, dentro dessa instituição, na rua, no ônibus, no restaurante e em toda parte.

O que caracteriza o crescimento do neonazismo e do conservadorismo?

Existem dois aspectos associados. Esse avanço desses grupos exatamente para um desenvolvimento de uma perspectiva democrática igualitária que abarca dimensões de gênero, finalmente em contexto de Brasil a questão racial, onde estamos lutando para estabelecer determinados parâmetros de igualdade em relação de cotas raciais, parâmetros LGBTQIAP+, pessoas transexuais, para indígenas, para identificar políticas de reparação como tópicos que faltavam nas políticas públicas do Brasil, por sua vez para estabelecer cotas em todos os serviços em todos os cargos coisa que estamos atrasadíssimos em relação à legislação de vários países. Não adianta me dizer que existem outros muito mais atrasados que o nosso, não é esse o parâmetro. A questão é ver o motivo desses países terem adotado essas políticas a muitos anos. A medida que essas reivindicações avançam, as pessoas reagem a elas. Essas reações se constituem no aqui e no agora, nunca é um retorno ao passado assim como o avanço dessas demandas sociais são sempre algo novo, são construídos da perspectiva conservadora um enorme mal que não faz o menor sentido. Vemos pessoas com a bandeira do Império brasileiro, escravista, o uso de deus, pátria e família, uma junção muito usada na década de 60 com a famosa passeata da tradição família e propriedade, instituição que cresceu durante a ditadura e tinha ramificações pelo país inteiro. As pessoas estão costurando essas ideologias completamente difusas e complexas, mas todas acenando a princípios conservadores para formatar seu conservadorismo aqui e agora.

Por outro lado essas questões também nos trazem outros temas para além do relacional, que são essas oscilações das sociedades democráticas, onde dentro de qualquer contexto maduro podemos estabelecer um conjunto de normas que sejam compatíveis com esse estatuto. É mais fácil encontrar uma legislação que puna diretamente saudações nazistas do que entre nós, somos uma sociedade extremamente relaxada no que diz respeito à punição, somos extremamente marcados pela impunidade, isso caracteriza a sociedade brasileira de uma maneira brutal.

A violência policial te atingiu de qual maneira?

Em relação às minhas experiências pessoais vivenciadas relacionadas a violência policial fui muito mais atingido em São Paulo do que em Curitiba, mas não posso deixar de ver o que acontece a outras pessoas nessa cidade. Já fui abordado dezenas de vezes pela ROTA, pela Polícia Militar em São Paulo. Uma vez estava com um amigo em um bar que já estava fechando e resolvemos ir a um boteco all perto comer alguma coisa, mas quando chegamos estava fechando também, com cadeiras pra cima. Resolvemos voltar para o primeiro bar. Nesse trajeto um carro da polícia subiu em cima da calçada, colocaram armas nas nossas cabeças, fizeram com que colocássemos a mão na parede e disseram que estávamos fazendo movimentos suspeitos andando de um lado para o outro. Isso porque perguntal o motivo de estamos passando por aquele constrangimento. Estávamos em um bar quase fechando, fomos para outro quase fechando, voltamos pro primeiro. Isso respondendo tudo com as mãos na parede, pediram nossos documentos, mostramos nossas carteiras que éramos alunos da USP e deixaram a gente ir embora. É incrível que aquilo que chamamos em qualquer sociedade de direito de ir e vir é constantemente questionado, nós estávamos exercendo o nosso direito de ir e vir, nada mais. Muitas vezes a ROTA, armada de fuzil, de escopeta, chegam jogando um feixe de luz no seu rosto que te cega em geral, você não consegue ver o que está acontecendo, eles estão às escuras, só eles o veem. A minha estratégia é sempre a mesma, é uma questão de sobrevivência, temos que aprender a sobreviver. Você tem que levantar as mãos, afastar as pernas, ou seja precisa mostrar que não tem nenhuma atitude reativa em relação a abordagem, é uma questão de sobreviver. Quantas pessoas por um instinto, uma lembrança, por pegar alguma coisa que estava no bolso e simplesmente morreu, perdeu o bem mais precioso que um ser humano pode ter. Se aquilo é considerado suspeito e eles têm o controle da situação vão atirar e ficar completamente limpos, jogar aquele corpo sabe se lá onde e acabou. Nessas circunstâncias você tem que pedir permissão do policial para pegar qualquer coisa no bolso. Em uma abordagem eles queriam alguma documentação e sempre pergunto se posso pegar o tal documento que está nessa parte do meu casaco.

Essas situações não aconteceram comigo em Curitiba muito provavelmente porque eu vivi uma vida muito diferente, me expus menos. Casei logo depois que cheguei e estive muito mais em casa, tenho outra condição financeira. É indiscutível de como determinados grupos estão tentando retomar os espaços que estão sendo ocupados por pessoas pretas. As festas que são cercadas pela Guarda Municipal, os casos que aconteceram com o Renato, particularmente na época dele como vereador, Carol foi ameaçada de morte por ter ocupado um cargo político na cidade. Essas violências mostram muito como a diminuição da marginalidade produz uma determinada reação na parcela social que não quer permitir a ida de pessoas negras às fontes de poder. Isso acontece dentro desse departamento o tempo todo, quando cheguei aqui propus fazer uma disciplina chamada história social do jazz, a primeira vez que ofertei foi em 1994. Juntei textos, discos, a gente ouvia, discutia. No fim da disciplina os professores tinham acesso a formulários de avaliação dos professores, os alunos não precisavam se identificar e lembro que uma das avaliações dizia que a Universidade Federal do Paraná está perdendo cada vez mais sua identidade, que no lugar de analisarmos questões da cultura europeia "vemos esse professor nordestino trazendo temáticas", vemos nossas identidades serem confrontadas. Da mesma forma que sou um professor nordestino trazendo para cá perspectivas que discrepa daquilo que esse aluno ou aluna achava que eu estava confrontando, outros alunos acharam que estava sendo muito rigoroso em relação a determinadas práticas avaliativas.

Vieram duas alunas me dizendo que não esperavam de mim uma avaliação tão rigorosa, porque quando disseram a elas que vinha um professor negro, nordestino dar aula não aguardavam que fosse assim. Existe a ideia de que estamos em um ambiente para o carnavalizar, tive que pedir que lembrassem que fui contratado como professor e eu tenho que zelar por isso.



CONCLUSÃO
=
RESPONSABILIZAÇÃO

O processo individual mais difícil no enfrentamento do racismo, aqui pessoalmente falando, é se reconhecer enquanto racista. A percepção egocentrada de que o racismo se concentra no meu achar, no meu circuito social, nas minhas ações e percepções individuais descaracterizam a extensão do racismo. A reação inicial de se apontar e apontar o questionamento de "eu racista?"

Seguido de várias justificativas que retiraram esse rótulo de nossas costas, é limitar todos os preconceitos a uma esfera que não existe. Afinal esse reconhecimento a nós pessoas brancas é apenas um incômodo, não são nossos corpos que estão na linha do extermínio.

O racismo é uma estrutura que afeta a tudo, de forma histórica, social, econômica, ideológica, se entrelaça por todos os segmentos sociais, fomos construídos em uma realidade racista, em que crescemos cercados de pessoas brancas ocupando confortavelmente a todos os espaços e retendo todos os direitos práticos, digo por direitos práticos a realidade que acontecem todos os dias, não existe um código de conduta dizendo as pessoas negras não andarem na rua em determinado horário, para andarem com todos os documentos que o país pode ofertar no bolso, a não se sentirem bem-vindos em determinado lugares, mas está aqui implícito e explícito no cotidiano, todas as pequenas e gigantes expressões que o racismo pode afetar um corpo negro. A violência policial é só mais um dos pilares que sustentam uma sociedade racista, enquanto não entendermos, dizendo isso a pessoas brancas as negras são criadas para lembrar disso todos os dias, que existe um protocolo que ensina que os indivíduos pretos devem e podem ser violentados a partir do princípio e vontade de quem faz a abordagem não existirá abolição que se mostre realmente terminada.

Gostaria de terminar esse livro dizendo como todos podemos ajudar a solucionar o racismo, não engero um ponto lógico que explique a existência dessa e outras formas do preconceito cabível dentro de uma percepção humana e infelizmente só posso dar as respostas que tentei pôr em prática com esse livro.

Cabe a nós pessoas brancas nos responsabilizarmos do racismo, essa é uma luta que cabe aos crimes que partiram da nossa ancestralidade, não foram negros que se algemaram e empilharam em galoas para protagonizarem a escravidão, se somos capazes de arquitetar um processo de desumanização socialmente aceita e incentivada, temos o dever de entender e nos portamos com ações além do não ser racista e sim antirracista.

ENTREGO ESSE LIVRO COMO
PARTE DA MINHA
RESPONSABILIZAÇÃO.



Seus últimos legados foram deixados comigo
Como resistência
Da arte que brota entre nossas rachaduras
E aqui está Marielle
Viva em nossa voz